ILUSTRAÇÃO

N.º 295 — 13.º ano

PREÇO 5 escudos

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17cm. × 26cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Acaba de aparecer:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,

o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., broch. . . . . **12$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**

os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um único frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Feliz e sem dôres graças á

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17$00; broc., 12$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — Lisboa

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR **ISALITA**

1 vol. encadernado com 351 págs.,
25$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — Lisboa

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — Lisboa

Sucesso de livraria:

PRIMEIRO PRÉMIO
De romances em língua francesa no Concurso Internacional de romances sôbre o bolchevismo

O Império dos Sem-Deus

POR **PIERRE CROIDYS**

Romance de costumes soviéticos

No concurso constituído por ilustres escritores ingleses, alemães, espanhóis, russos e belgas, presidido por Henry Bordeaux, da Academia Francesa, foram apresentados cento e nove manuscritos, sendo cinqüenta e um franceses. O júri, após 17 meses, que foi o tempo que levou a ler todos êsses originais, concedeu o 1.º prémio ao romance *L'Empire des Sans-Dieu* de Pierre Croidys.

1 vol. de 320 págs., ilust. com 11 grav. e o retrato do autor, broc. **12$00**
Pelo correio à cobrança . **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O galante século XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 vol. de 324 págs., broc. . . . . **12$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 295 — 18.º ANO
1-ABRIL-1938

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

APÓS O "ANSCHLUSS"

O ministro Frank, saüdando Hitler há dias, em Leipzig, considerou-o "o maior homem que a Alemanha tem conhecido nos últimos mil anos».

Hitler, por sua vez, sem parecer muito sensibilizado com tais elogios, vai executando o vasto plano que idealizara. Confia no plebiscito de 10 do corrente, e salienta que, após essa prova, ficará demonstrado que ninguém, como êle, será tão fielmente seguido pelo seu povo.

Goering, confirmando as declarações do Führer, promete a reconstrução económica da Austria, profetizando prosperidades.

Referindo-se à Igreja, disse:

"Mostrem-me aqui uma igreja mutilada como em Espanha ou um sacerdote molestado. Não queremos destruir nenhuma crença. Queremos todavia separação nítida entre as missões espirituais e as temporais. Na Alemanha não destruímos a Igreja mas o partido do Centro. Não é a mesma coisa. Não somos anti-religiosos. Foi a nossa fé que nos levou onde estamos, mas para esta fé não precisamos de padres».

"Diz-se — prosseguiu — que no dia 11 de Abril arrancaremos as máscaras, mas, na Alemanha não se mata ninguém sem julgamento. Só o Führer tem o direito de vida e de morte. Quem calcar êsse direito será castigado. Que êste aviso seja claramente compreendido».

Goering referiu-se em seguida aos Habsburgos, dizendo: "O legitimismo fica para sempre abolido». Enfim, o homem põe e Deus dispõe. Agora Hitler, deslumbrado com o seu imperialismo, entende que os países de seis milhões de habitantes não têm razão de existir. É uma opinião como outra qualquer. Por mais audaciosa que pareça, não tem o perigo da de Josué que, por uma birra, fez parar o Sol.

A entrada das tropas alemãs na Austria

Estátua da Liberdade em Nova York

INICIATIVAS AMERICANAS

A Feira Mundial de Nova York em 1939

arvorada em importante Tavola Redonda da Paz

ENQUANTO o Mundo parece querer convulsionar-se nos horrores duma guerra pavorosa, a América do Norte, prepara fleumaticamente a sua Feira-Mundial de Nova-York, que considera a "Tavola Redonda da Paz" em que sessenta e tantas nações se encontrarão no mais estreito intercâmbio.

E então afirma solenemente que durante o verão do próximo ano, quási tôdas as nações que possam ter alguma importância no globo terráqueo se congregarão numa vasta Côrte de Paz em que 500 mil pessoas poderão desfilar perante centenas de milhares de espectadores.

Aqui, — salientam os interessados — tôdas as nações terão o seu encontro. Virão misturar-se para desenvolver uma compreensão mútua, promovendo o bôa vontade. O sr. Grover A. Whalen, presidente da corporação da Feira, assevera que "quando existirem melhores relações internacionais, uma sólida base terá sido construida para o soerguimento do intrincada estructura do comércio mundial".

Levantando-se imponentemente a um um lado do vasto pátio da Côrte, veremos o Edifício Federal dos Estados-Unidos, cuja construção custou 3.000.000 de dólares, e que figurativamente estará à cabeceira da meza, como compete ao dono da casa. De cada lado do pátio, haverá três estructuras, com mais duas flanqueando o grande lago que centralizará a zona exterior da exibição. Esses oito edifícios formarão a Assembléa das Nações, onde serão feitas as exposições dos países estrangeiros, Agrupados ao longo das margens do lago, e de ambos os lados, erguer-se-ão edifícios nacionais construidos pelos respectivos govêrnos, cada qual com o carácter próprio do seu país, e largamente franqueado aos visitantes dos demais países.

Comentando a área federal e a amplitude do aspecto internacional da exposição, diz o sr. Whalen:

"Esperamos que essa secção da Feira, possa abranger tôdas as nações do mundo no ano de 1939, e o arranjo geral da área ultrapassará então tôda a expectativa. As nações poderão encontrar-se aqui sôbre o mesmo solo amigo, dedicando os seus esforços à pacífica tarefa de construir o mundo de amanhã, melhor do que o de hoje. Antecipamos o duradouro benefício dessa amizade, colhida por todos os povos na Feira Mundial".

O sucesso da Feira, conseguindo êsse agrupamento sem precedentes de nações estrangeiras, provocou calorosas congratulações do sr. Cordell Hull, secretário de Estado dos Estados-Unidos (Ministro do Exterior). A carta de elogio do sr. Hull ao sr. Whalen diz, entre outras amabilidades:

"Emprêsas como essas contribuem significativamente para o melhoramento das relações internacionais e para a manutenção da paz do mundo. Elas servem como efectivos veículos de intercâmbio entre as nações de experiência económica cultural. Constituem, dêsse modo, poderosos instrumentos para o reforçamento de uma larga compreensão internacional, mútuo respeito e bôa vontade, — o indispensável, em suma, para a construção da paz e da prosperidade do mundo. Estou certo de que, sob a vossa direcção capaz, nenhum esfôrço será poupado pela Feira, com o fim de proporcionar não só aos representantes dos govêrnos estrangeiros, bem como aos visitantes, todo género de amizade e cordial hospitalidade. Dêsse modo, pelo seu êxito técnico e artístico, ela fomentará os melhores interêsses do nosso país e contribuirá para o progresso do mundo".

A Côrte da Paz, com a sua assembléia das Nações edificada em círculo, constituirá um animado e decorativo cenário durante tôda a Feira. Cada nação participante ostentará a sua bandeira, defrontando as outras, na praça central. Brilhantes espectáculos serão oferecidos diáriamente, inclusivè exercícios do Exército e da Marinha e paradas para o hasteamento das bandeiras.

Um balcão, situado em frente da secção central do Edifício Federal, será provido de uma tribuna, de onde se espera que o presidente Roosevelt falará na abertura da Feira em Abril de 1939. Essa mesma tribuna será usada durante todo o período da Feira, pelos representantes americanos e estrangeiros em ocasiões que as celebrações oficiais o exijam.

Uma das mais importantes fases da abertura das cerimónias será a apresentação de cêrca de 50.000 homens de tropa de tôdas as nações participantes. Outros desfiles serão posteriormente feitos, que, embora em menor escala, apresentarão os coloridos impressionantes que formarão parte integral dos programas executados pela direcção da Feira. Assim, todos os dias, ao amanhecer e ao entardecer, serão executadas interessantes manobras por uma companhia ou mais, do exército ou da marinha, em uniforme de parada.

O Edifício Federal, ocupando 282.000 pés quadrados de terreno, incluirá duas tôrres, com 150 pés de altura por 50 de diâmetro, unidas por uma secção com trinta colunas, representativas dos trinta primitivos Estados da União, fechando uma câmara circular de exibição com 40 pés de largura. O edifício representará os três departamentos do Govêrno — o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

As funções do Govêrno, no que elas interessam à vida individual do cidadão, estão separadas em doze divisões básicas — conservação, alimentação, abrigo, indústria e comércio, finanças e crédito, transportes e comunicações, bem-estar social, educação, artes e diversões, relações exteriores, e fiscalizações dos negócios internos.

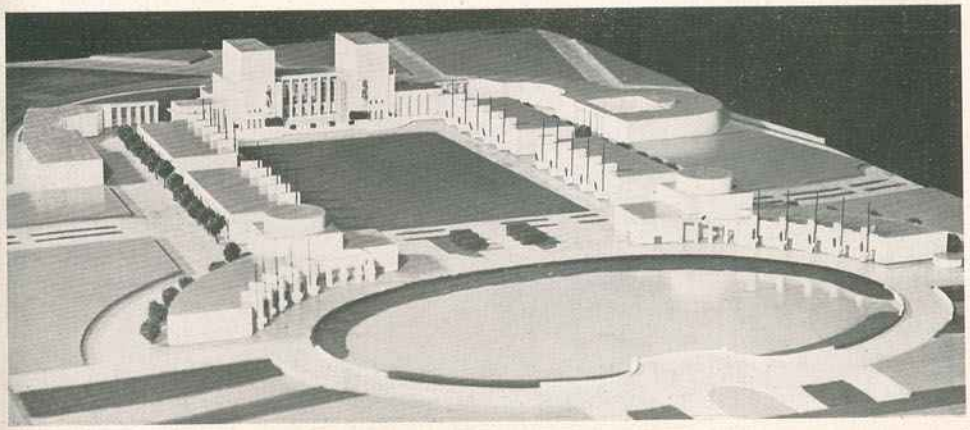
Depois de examinar essas exibições, o visitante encontrar-se-á no jardim da Côrte da Paz, no interior do semi-círculo, onde as flores e plantas estarão dispostas em magníficos arranjos, entre numerosos bancos e fontes luminosas.

De acôrdo com o que tem sido anunciado recentemente, cêrca de 1.500.000 pés quadrados de área descoberta foram já tomados, com mais 300.000 sob contrato na Assembleia das Nações. Calcula-se que os governos estrangeiros dispenderão para cima de 23.000.000 de dólares. A Inglaterra, juntamente com a Austrália, a Nova Zelândia e outros do grupo do Império inglês, ultrapassará todos os participantes estrangeiros, com um total de 140.000 pés quadrados, apresentando planos que exigirão cêrca de 2.500.000 dólares. Outros grandes participantes, para os quais os arquitectos e os engenheiros estão fazendo planos, são: a Bélgica, com 112.000 pés quadrados; a França, com 110.000, dispendendo 1.000.000 de dólares; a Alemanha, 100.000 pés; a Itália com 110.000; a Holanda com 100.000; a Rússia com 110.000; o Japão com 70.000; e a Polónia com 50.000. O Brasil, na vanguarda dos países sul-americanos, está com 48.000 pés quadrados, e um orçamento provável de um milhão de dólares para custear a sua representação nesta Feira.

Um imponente aspecto da cidade de Nova York

Um aspecto da Feira Mundial

Outro aspecto da Feira Mundial



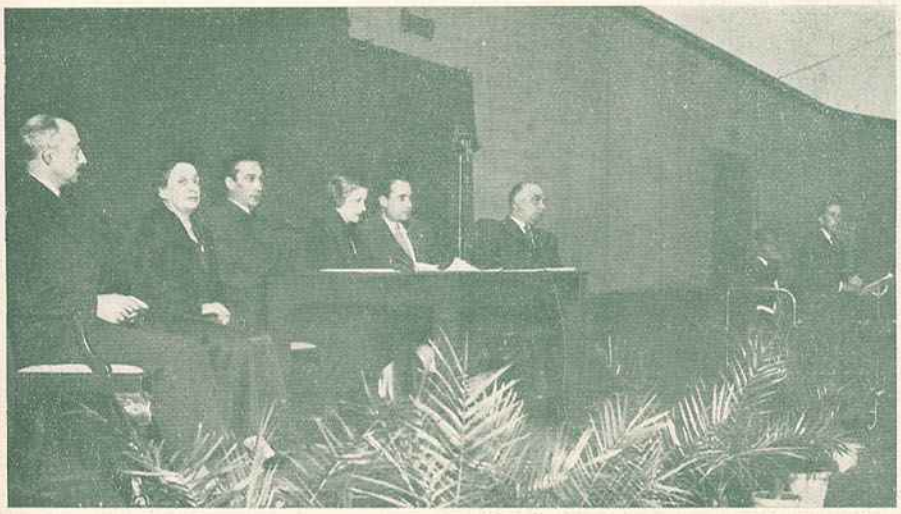
ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. dr. Oliveira Salazar pronunciando o seu notabilíssimo discurso na posse dos novos organismos da União Nacional.

Ao centro: O sr. Presidente do Conselho com a Comissão Executiva e alguns membros da Comissão Central.

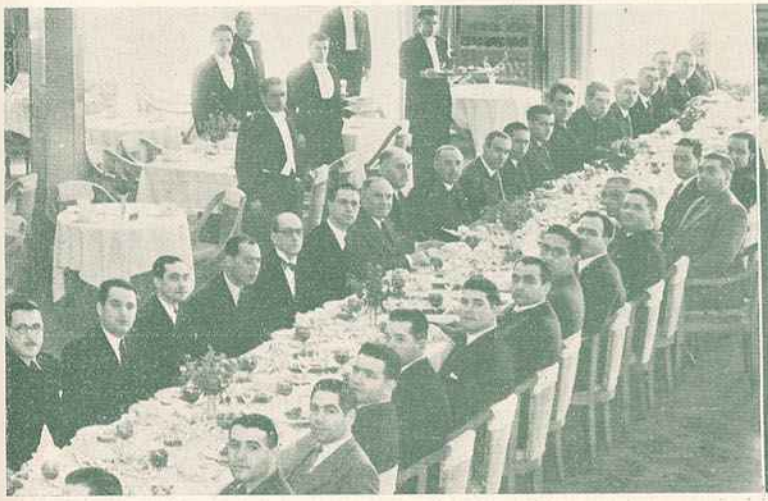
Em baixo: Os oficiais aviadores que, chefiados pelo sr. major Pinheiro Correia, partiram para a Alemanha onde vão proceder à recepção de dez bimotores de bombardeamento.

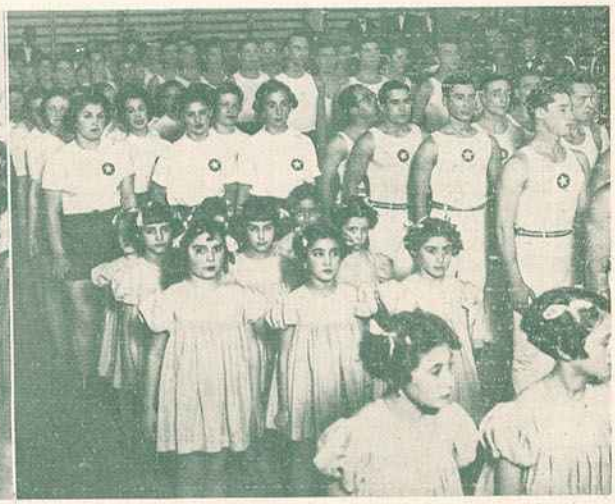
NOTICIAS DA QUINZENA



Os Jogos Florais da Primavera promovidos pela Emissora Nacional. Foi tal a concorrência que o juri teve de apreciar cerca de 2.000 produções. Na assistência numerosíssima predominam as senhoras, muito contribuindo para maior animação da festa

Comemorando o 60.º aniversário da Cruz Vermelha foram distribuídas medalhas, no Pôrto. O sr. dr. Guilherme Braga, presidente da Direcção da prestimosa colectividade condecorando o sr. tenente António Ferreira Fiandor, comandante do corpo activo





O almoço comemorativo do 63.º aniversário do Gimnásio Club Português que decorreu animadissimo. Todos os convivas, no final, repetiram o conhecido estribilho: «estamos contentes e o Gimnásio Club está contente». — A' direita o desfile das classes de gimnástica do Gimnásio Club Português

O ilustre dramaturgo Dr. Ramada Curto com algumas das pessoas que assistiram ao almoço de homenagem oferecido pelo Sindicato Nacional da Crítica, celebrando o exito invulgar da sua peça «Recompensa» em cena no Teatro Nacional com mais de 60 representações

DE SINTRA À COSTA DO SOL

Vista geral de Sintra

«Mosteiros suspensos de horridos penêdos, sobros seculares vestidos de musgo que o ardor do sol crestou, arbustos gotejando à sombra no vale profundo, o azul suave de um mar tranquilo, torrentes que se despenham das cristas da Serra, no alto a vinha, cá em baixo os ramos dos salgueiros, forma tudo um quadro maravilhoso de variada belesa».

É assim é Sintra, conforme a reprodução fiel dos têrmos de que se serviu Lord Byron, para exprimir a sua profunda admiração por êste abençoado rincão da nossa terra, um brasão e um primor, assombro de forasteiros e enlevo de nacionais, no dizer de velhos pergaminhos.

Sobranceiramente ao mar, a Serra de Sintra estende-se por cinco léguas de circunferencia, atingindo quatrocentos e cincoenta metros a sua maior altura, dispondo de puras e abundantes águas e de um luxuriante arvoredo que em muitos pontos nunca os mais ardentes raios do sol conseguiram penetrar.

Nesta extensa e privilegiada região que D. Afonso Henriques conquistou aos moiros, são inumeros os padrões da magnificência que caracterisou as antigas eras. Palácios sumtpuosos, verdadeiras joias arquitetónicas, frondosos parques em que a prodigalidade da natureza têm sido sabiamente aprovcitada por mãos de mestre, Sintra constitui hoje uma das mais valiosas facetas do turismo nacional, tendo-se tornado também uma das mais agradáveis estações de verão do nosso país e cuja frequência se vai acentuando progressivamente, tendo-se alugado na última época tôdas as casas disponíveis e esgotado as lotações nos vários hoteis e pensões.

Cabe aqui acentuar que os vários organismos interessados, tanto oficiais, como particulares, teem poderosamente contribuído para a sua valorisação, sendo de inteira justiça destacar os esforços empregados nêsse sentido pela Câmara Municipal, extinta Comissão de Iniciativa, Junta Autonoma das Estradas, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e Sintra-Atlantico.

Foram da iniciativa daquela Comissão a obra da Estefania, da autoria do arquiteto Raul Lino, os muros com vistosos alegretes à volta do Duche, com bancos nos locais de melhor sombra, o Jardim António José d'Almeida, com o seu chafariz, o alargamento da rua Heliodoro Salgado e do Largo da Misericórdia, a modernisação da Fonte dos Pisões, um logradoiro sôbre o mar nas Azenhas e uma pequena esplanada facilitando o acesso à Praia das Maçãs, trabalhos estes realizados sempre de acôrdo com a Câmara Municipal. A esta se deve também a instalação do Parque Municipal, de tão manifesta utilidade pública, não só para os habitantes como para os forasteiros.

De facto sentia-se a falta de um recinto fechado, dentro da vila, perto do seu centro, onde passar agradavelmente as horas mais quentes das

O novo Parque Municipal

estações esquivais. Para a solução dêste ingente problema adquiriu o Municipio uma das melhores propriedades locais, o antigo e aristocrático solar da família Valenças, um belo palácio com um magnífico Parque cujo secular arvoredo constitue um maçisso de verdura que proporciona na sua quási total extensão um verdadeiro tunel de fresca sombra. Com os seus bem delineados arruamentos dispondo de comodos bancos, a sua esplanada com mesas e cadeiras, dando sôbre a rua, e distante apenas cêrca de cem metros da estação do caminho de ferro, o novo Parque Municipal, inaugurado no ano findo pelo ilustre Chefe do Estado, representa um melhoramento do mais alto interesse público. Está a actual vereação estudando, por intermédio duma comissão especialmente nomeada para êsse efeito, a aplicação definitiva a dar ao Palácio dêste Parque.

Não é possivel apreciar devidamente do que vale Sintra nas escassas horas de uma vulgar excursão. Os seus antigos e históricos palácios, os vários parques e jardins, os incomparaveis miradores dispersos por tôda a serra, merecem mais demorada atenção, assim como os seus pitorescos arredores cujo acesso está já muito facilitado pelos transportes internos.

O Paço Nacional que foi habitado pela raínha Santa Isabel e por Dona Brites, mulher de D. Afonso VI e restaurado por D. João I que o decorou com preciosidades oriundas das Índias, com as suas salas da Audiência, dos Cisnes, das Pegas e da Galé, disperta o mais vivo e justificado interesse dos visitantes.

Passe-se agora ao Palácio da Pena, velho convento da Ordem dos Jerónimos, transformado em Palácio Real pelo rei D. Fernando, um dos nossos mais valiosos monumentos arqueológicos, num conjunto arquitectural de vários estilos, árabe, gótico, manuelino e renascença. Ricas as mobílias que o guarnecem e uma autêntica maravilha a sua capela cujo retábulo do altar mór foi mandado executar por D. João III em 1812.

O Jardim das Camélias, a Fonte dos Amores, a Fonte dos Passarinhos e a Feteira são outras tantas jóias encastoadas no seu maravilhoso Parque.

Quarto da Raínha no Palácio da Pena

O Palácio de Monserrate, propriedade particular é também digno da nossa atenção. A sua magestosa entrada correspondem inteiramente a suntuosidade dos seus salões e a beleza incomparável dos jardins.

Os Sitiais, a Penha Verde, a Peninha, os Capuchos, o Castelo dos Mouros, como outros ainda, são locais que merecem uma visita. Para que os excursionistas o possam fazer nas melhores condições mantém a Comissão Municipal de Turismo o seu escritório de informações na Praça da República, habilitado a dar a nacionais e estrangeiros, tôdas as indicações sôbre os meios de transporte e respectivos preços que estão devidamente tabelados.

Há ainda a considerar que são também encantadores alguns dos arredores de Sintra. Colares, um dos mais aprazíveis locais, pomar de excelentes frutos e terra do mais afamado vinho de mesa, as três praias já bastante freqüentadas, a das Maçãs, das Azenhas do Mar e da Adraga, S. Pedro onde se realiza, dois domingos em cada mês a mais pitoresca das nossas feiras, podem visitar se com a maior facilidade graças aos serviços da Companhia Sintra Atlântico que, com os seus carros eléctricos da vila, pela estação do Caminho de Ferro, a Colares e Azenhas do Mar, com as suas camionetes para S. Pedro e ainda uma carreira em excelentes autocars da praia das Maçãs até Lisboa muito tem contribuido para o desenvolvimento turístico e económico desta região.

Passando de Sintra a Cascais, se a distância é relativamente curta nem por isso deixa de constituir um passeio deveras agradável, sobretudo se o percurso se fizer pela estrada que atravessa Colares e Almocageme em direcção ao Cabo da Roca, já hoje muito bem servida pelos confortáveis autocarros que a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs que mantém, de há muito, várias carreiras diárias do Estoril a Sintra, tanto por esta entrada como pela directa.

O panorama que se desfruta em todo aquele trajecto é simplesmente surpreendente. De um lado a Serra que se vai contornando, do outro a infinita extensão do mar, lindo quando as águas serenas, belo, se agitadas, formam um conjunto maravilhoso que os nossos olhos se não cansam de admirar.

Entramos na mais importante zona turística do país, a Costa do Sol, estação de verão, que as suas várias praias caracterisam, estação de inverno pelas excepcionais condições climatéricas de que desfruta. Possui Cascais o extenso e bem arborisado Parque da Marinha, com o seu campo de jogos desportivos e uma intensa cultura de lindas flores, o Parque Palmela, vários jardins públicos bem cuidados, e algumas vivendas luxuosas que fazem recordar as suas brilhantes épocas dos últimos anos da vida da Côrte.

O Museu Castro Guimarães, hoje pertencente à vila por disposição testamentária do seu antigo proprietário, o conde do mesmo título, e notável pela sua privilegiada situação, seus encantadores jardins e pelas preciosidades artísticas que encerra. Está já em preparos, para o ano corrente, a repetição do curso de férias já ali realisado com grande e notável frequência de estrangeiros.

O Estoril, indubitavelmente o ponto mais importante desta região, o mais frequentado pelos estrangeiros, vai-se desenvolvendo constante e progressivamente. Transformou-se recêntemente o Campo do Golf, elevando-se para dezoito, o número dos respectivos buracos, satisfazendo se assim as justas reclamações dos seus frequentadores, construindo-se o novo Pavilhão, um dos melhores que existem, na própria opinião dos jogadores que conhecem os seus similares no estrangeiro.

Grande Hotel, no Monte Estoril, antigo Estrada, que ampliou e modernizou as suas primitivas instalações de forma a tornar-se um hotel de primeira categoria, dispondo de sessenta quartos. Alguns dêles com luxuosas salas de banho, aquecimento central, amplos terraços com frente para o mar, ascensor e garage. Hoje um dos melhores hoteis da Costa do Sol, com preços acessíveis

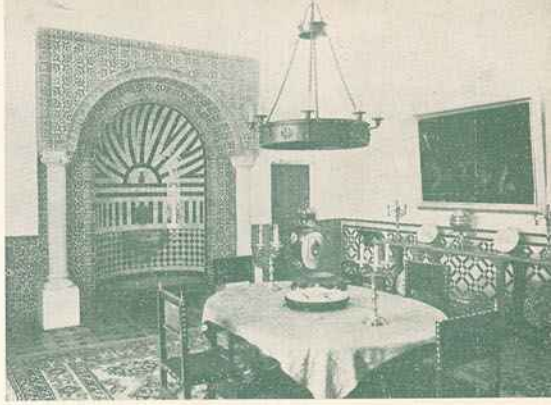
Instalaram-se dois novos courts de tenis, com um Pavilhão e ampliou-se o Hotel do Parque, cujas novas instalações o tornaram mais confortável, mais elegante, construiu-se o picadeiro e uma carreira de tiro. Simultaneamente acentuam-se em ritmo aceleradas as novas construções particulares que muito veem enriquecer êste local.

O desenvolvimento desta zona turística constitui um problema vital dada a soma de interesses legítimos que lhe estão ligados, o que justifica as atenções que lhe estão dedicando os poderes públicos, como o demonstra a recente nota oficiosa do ilustre Chefe do Govêrno anunciando a próxima execução da auto-estrada que muito virá contribuir para o seu progresso e que constituia a sua maior aspiração.

A Comissão de Iniciativa actualmente Junta de Turismo

A êste organismo oficial deve a Costa do Sol muitos melhoramentos que sensivelmente a teem valorisado, já actuando directamente, já prestando o seu apoio moral e material a várias iniciativas de manifesto interesse para a região. Além dos seus permanentes cuidados com a limpeza das praias, o alcatroamento das ruas, estradas mesmo, o seu auxílio a provas desportivas e a sua colaboração na repressão da mendicidade, outras obras de maior vulto há que levar a seu crédito. Assim a praia da Conceição, em Cascais foi completamente modernizada, construindo-se a rampa de fácil acesso ao areal, o Pavilhão bar-restaurante e a esplanada miradouro. No Monte Estoril tem ampliado e aperfeiçoado a Estação Climatológica, instalada em 1930, e que tão revelantes serviços tem prestado, transformou o Largo das Palmeiras, para êsse efeito adquirido, no Jardim Carlos Anjos, decorado com belas plantas e lindas flores, com um pequeno lago, baloiços para crianças, vários bancos resguardados do sol pelas árvores, e tendo ainda no topo norte um pavilhão-bar.

Hotel Miramar, também no Monte Estoril, muito apreciado por nacionais e preferido por estrangeiros, desfruta de uma situação privilegiada, com um belo jardim e floridos terraços. Dispõe de cinquenta cómodos e confortáveis quartos, aquecimento central, ascensor e garage para serviço da sua escolhida clientela



A sala de jantar do Museu Castro Guimarães

Alinhou convenientemente, alargando-a, a estrada que passa no Estoril, vedando e arborizando o terreno anexo à Igreja de Santo António, colocando ainda ali vários bancos de onde se pode apreciar o intenso movimento dessa estrada e adquiriu para logradoiro público o Parque Morais, a melhor propriedade na Parede. Não cabe nos estreitos limites de um artigo uma mais completa análise da acção da Junta de Turismo que tem sido incansável no desempenho das suas complexas atribuições, de formaa merecer a gratidão de todos que teem interesses ligados à Costa do Sol.

Hotel Paris, um dos mais antigos da região, e que tem vindo em progressos constantes até se ter transformado no grande estabelecimento da sua especialidade que hoje é, modernamente instalado em edifício próprio, um dos melhores da localidade. Conta cento e vinte quartos, uma vasta sala de jantar, vários salões, amplos terraços, aquecimento central, ascensor e garage para serviço dos seus hóspedes

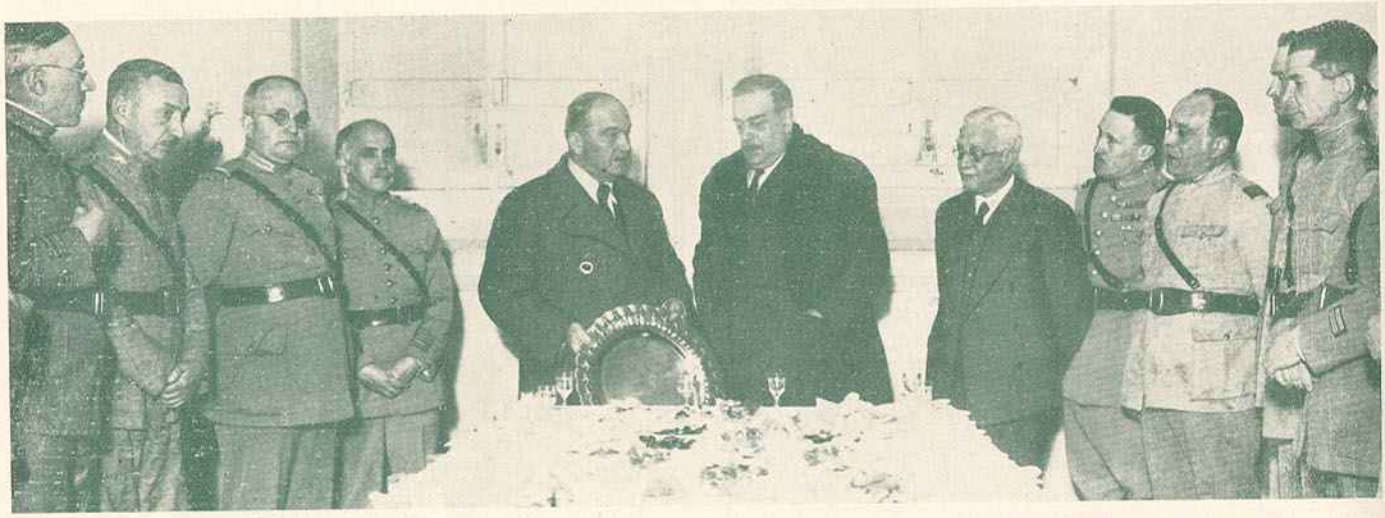
Assim se tem modificado progressivamente esta região turística a que está reservado um próspero futuro, uma vez realidade os melhoramentos projectados, de iniciativa dos organismos oficiais e da Sociedade Estoril Plaje que também muito tem contribuido para o desenvolvimento do Estoril hoje, incontestávelmente, o mais importante centro turístico do País.

O seu Casino a quem foi adjudicada a exploração da zona permanente de jogos, com as brilhantes festas que realiza à roda do ano, a animada praia em que se toma banho de verão, de inverno, com os seus jogos próprios, o Tamariz com a sua bela esplanada, o Estabelecimento Termal, com a sua piscina, o Golf e o Tennis, constituem fortes motivos de atracção não só de nacionais, como de estrangeiros, que de há muito vêm marcando a sua preferência por esta estação.

O Jardim Carlos Anjos

ECOS DA QUINZENA

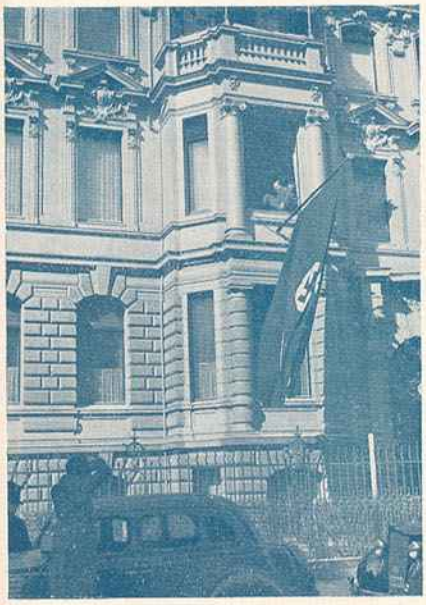
O reboque «S. Cristóvão», da União Fabril, prestando socorros no desastre de aviação ocorrido há dias na base do Bom Sucesso, tendo perdido a vida o 2.º tenente António Gonçalves. O mecânico e o rádio-telegrafista salvaram-se



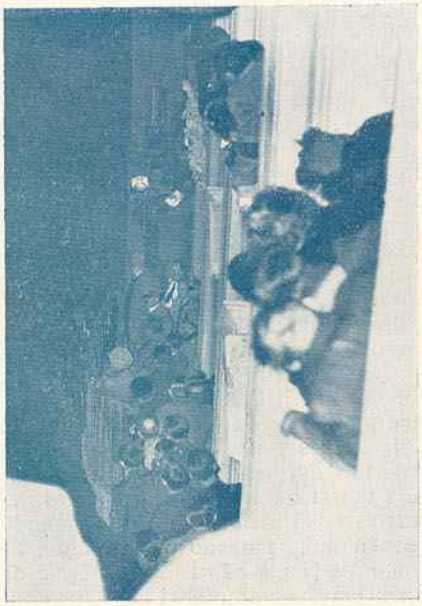
O sr. general Bernardo do Canto com os oficiais que lhe prestaram homenagem. O ilustre oficial, atingido pelo limite de idade, passou à reserva

A assistência ao banquete oferecido à missão militar inglesa pelo sr. ministro da Marinha, sr. comandante Ortins de Bettencourt

ACTIVIDADES ALEMÃS



A bandeira nazi tremulando na embaixada austríaca de Berlim



Hitler falando da varanda do palácio comunal de Linz

Goering discursando na comemoração dos mortos da Guerra Mundial

O dr. Goebbels lendo a proclamação do Fuhrer dirigida a todos os alemães e que foi radiofundida por tôdas as estações germânicas

O ministro dos Negócios Estrangeiros inglês (à direita) Lord Halifax conversando com Ribbentrop pouco antes da partida dêste para Berlim

Hitler saudando o chefe da brigada Peterseit que se encontra enfermo e havia sido pesquisado em vão durante mais de um ano pelo Poder Executivo Austríaco

Tropas de assalto austríacas desfilando em Viena por motivo da festa comemorativa dos mortos da Guerra Mundial celebrada com grande solenidade pela Alemanha Unida

Homens talentosos que então havia

apreciados pela azougada e irrequieta Josefina Neuville

Josefina Neuville teria conquistado mais alta celebridade que a Ratazzi, se lhe tem dado para embirrar com um génio da categoria de Camilo. Pelo menos, as curiosas memórias que nos deixou valem muito mais que o Portugal à vol d'oiseau *da pretensiosa princesa que por aí andou em bolandas, alinhavando impressões que foram consideradas* — as ratices da Ratazzi.

Eis o que nos diz Josefina Neuville, dando balanço aos homens do seu tempo:

O meu quarto é excelente. Tem duas janelas, deitando uma para a rua, e donde avisto as consideráveis eminências de Lisboa.

É belo ao pôr do Sol ver os últimos raios dêsse rei do Universo reflectirem-se nas vidraças das casas brancas, que se distinguem ao longe por entre os altos ciprestes do cemitério inglês que me fica defronte. A outra janela deita para o jardim, e as baunilhas e trepadeiras que a rodeiam mais a embelezam e tornam agradável, porque transpiram por ela os aromas deliciosos que a mansa viração introduz no quarto, embalsamando as cortinas do meu leito. É uma casa verdadeiramente poética.

L. A. Rebelo da Silva

Nas noites de estio é sublime o encanto que cerca tôda a propriedade. A lua, erguendo-se majestosa na amplidão dos céus, lá esparge seus reflexos de prata sôbre as águas do Tejo que gira aos pés dos montes de além.

Os rouxinois vêm-me saudar com as suas melancólicas canções, sôbre os ramos das árvores, ao som da brisa que murmura de leve por entre os arbustos e as flores.

Que melhor vivenda podia eu ter que falasse mais ao meu coração? Ao sul, o mar, o mar que nunca podia vê-lo sem deixar de sentir uma suave lembrança, que foi despedaçada por minha família.

Tinha sido sôbre o mar, numa embarcação que se estava aparelhando, para soltar as velas ao vento, que, no Rio de Janeiro, Mr. J. G. Dupy me fizera o solene juramento de vir um ano depois a Lisboa receber-me. E tinha sido o mar o elemento que nos separou, trazendo-me para uma família que quatro meses depois escrevia a Mr. J. G. Dupy, dizendo que eu tinha mudado de resolução, ao ponto de já me não lembrar dêle e de ir receber-me com outro!

Quando me encosto na minha janela e lanço um olhar sôbre as ondas, recordo-me do Rio, das noites passadas na sacada por baixo da qual êle vinha conversar à claridade das estrêlas e da lua que nos alumiavam. Oh! aquele amor era feliz, foi um amor sem remorsos!

Se volto ao outro lado da propriedade, vejo aqueles vultos alvejantes que se conservam de pé no espaço do cemitério, e lá, tão distante, distinguirem-se em miniatura os gigantescos ciprestes do Alto de São João, sentinelas entre as quais jazem os restos do meu sempre chorado e amado Henrique. Amor que me fez vencer tudo, e que, a-pesar-de o julgarem extinto, cada vez desperta mais vivo e apaixonado no meu coração!

As saudosas lembranças que me restam dêle só podem dizer o que se passa entre mim e elas quando o nome de Henrique me vôa expontâneo dos lábios, como sincero desafôgo de alma.

Foi nesta casa que o sr. Sant'Ana me apresentou o sr. Manuel de Jesus Coelho, pessoa que eu já conhecia de nome, e que depois de ter vindo algumas vezes a minha casa me deu lugar a conhecer o seu carácter honrado e brioso.

O sr. Manuel de Jesus Coelho, desde que entrara na carreira política, nunca seguiu senão um sistema, uma única opinião: o bem público e a liberdade. Estas duas virtudes sublimes foram sempre inflexíveis desde o antigo redactor do *Patriota* ao moderno redactor do *Portuguez*. Nestas duas fases nunca se viu o patriarca da esfera política dêste país senão erguer com a mesma firmeza e acrisolado patriotismo o pendão que uma vez levantara em valimento à felicidade da sua pátria.

O sr. Manuel de Jesus Coelho não pertence ao enxame daqueles que se deitam à política como o experimentado nadador que separa as ondas, de cabeça para baixo, para conquistar as pérolas e os corais que habitam no fundo. Não era também poeta, e, como êsses, não abdicara das musas para se fazer homem de Estado, porque a política é um terreno amplo para os homens ambiciosos chegarem aos seus fins positivos.

Não pertencia também ao género de aqueles que, em vez de combaterem os governos com razões importantes e plausíveis, preferem o insulto grosseiro, confundindo-se depois com o cão que ladra, com o gato que mia, com o burro que zurra, e que de nada mais se importam senão de atingir o seu fim.

O sr. Manuel de Jesus Coelho é finalmente um homem que se tem sacrificado à opinião de que jámais se afastou.

É um dêsses honrados caracteres que podem servir de modêlo pela sua probidade e que regeitam tudo para ficar com a sua reputação sem mancha e a sua consciência sem remorsos!

É um verdadeiro e distinto português que faz honra ao seu país.

Tenho glória e prazer de contar um carácter tão nobre no rol dos meus poucos, mas verdadeiros amigos.

Foi nesta casa encantadora que habito, que o sr. Sant'Ana me apresentou também o sr. Raimundo de Bulhão Pato, distinto e admirável poeta, e já conhecido autor da *Paquita*, a-pesar-de a não ter dado ainda à luz.

É um mancebo simpático, porém algum tanto melancólico.

De todos os poetas é o mais estimado do sr. Alexandre Herculano, homem de letras que tanto honra o seu país. Debaixo dos auxílios e conselhos daquele grande mestre surgiu o futuro autor da *Paquita*, dêsse poema famoso e inspirado, que lhe há-de formar brilhante reputação merecida.

José Estevão

Lembram-me algumas estrofes dessa obra, e não sei ao certo o canto a que pertencem:

Oh! tímida inocência! oh! flor mimosa!
Quantos perigos êste mundo encerra!
E tu encantas n'haste melindrosa
Sorris alegre contemplando a terra!
Ai! que não sabes como é breve a aurora
Que aviventa no prado a casta rosa!

E não sabes também quantas ciladas
Te circundam a frágil existência!
Quantos projectos e tenções danadas
Forma o homem na sua omnipotência!
Contra ti, débil flor, que basta um sôpro
Para mudar-te neste mundo a essência!

Um êrro apenas, uma falta leve,
Um pensamento por fugaz que seja
A fronte pura te desbota em breve!
É como o lírio que no prado alveja,
Que ao sol abrira viçejante e belo,
Mas que um só dia de existência teve!

É assim tôda a poesia produzida daquela imaginação. O sentimento, a doçura, a suavidade e a melancolia reünem-se em cada verso do jóvem poeta.

As suas obras não avultam; são poucas as novas que temos das suas composições, e de cada vez que se fala em aparecer alguma é logo festejada, mesmo antes de saír do prélo.

Não é uma censura que lhe fazemos proclamando a escassez das suas produções porque neste país, infelizmente, onde há talentos capazes de grandes empresas, os escritores são vítimas do limitado comércio das letras e são obrigados, para viverem, a escrever folhetins das variedades que Lisboa não tem, e das novidades, um ano das quais não chega a produzir uma dúzia de linhas.

António Pedro Lopes de Mendonça

O distinto poeta, de quem acabamos de falar, tem uma grande vantagem, porque aos vinte e cinco anos apresenta uma obra, um poema cheio de suaves perfumes byronianos e victor-huguistas.

Também foi aqui que tive a honra de me ser apresentado o sr. L. A. Rebelo da Silva, tendo imensa pena de que não viesse a minha casa senão essa vez, porque um cavalheiro com maneiras e conversação tão delicada, espirituosa e interessante faz-se desejar pela sua agradável presença.

Falou-se de literatura, e gostei muito de ouvir aquele espírito fino e agudo, cheio de vôos eminentes, exprimir em poucas palavras ideias e opiniões sublimes.

Ofereceu-me o sr. Rebelo da Silva um exemplar da *Mocidade de D. João V*, obra que muito estimei por gabada que era.

Efectivamente, no dia seguinte, recebi dois lindos volumes.

Foi com imenso prazer que li aquelas páginas escritas pelo punho robusto e experimentado dum homem profundo.

Admirei especialmente a clareza e vivacidade com que ali se faz a descrição e a análise do carácter jesuíta.

A obra é um primor que há-de levar à posterioridade o nome de Rebelo da Silva, como a *Menina e Môça* nos trouxe o de Bernardim Ribeiro, *Palmeirim de Inglaterra* o de Francisco de Morais, como finalmente *Os Lusíadas* nos trouxe o do imortal Camões!

Tive também o gôsto de receber em minha casa, apresentado pelo sr. Sant'Ana, o ilustre doutor Tomaz de Carvalho: digo ilustre porque, na carreira médica lisbonense, o talento do sr. Tomaz de Carvalho tem um nome distinto.

Pena é que, tendo abraçado a política, se esqueça e ponha de parte o mestre Esculápio.

Mas, igualmente no caminho da política, o sr. Tomaz de Carvalho goza dos mesmos foros de superioridade.

Os artigos e verrinas que lhe saem do bico da pena, pelo fino sardónico da frase, ou pelas belas ideias grandiosas que apresentam, desenvolvem a matéria e vencem a polémica.

O seu estilo algumas vezes peca por demasiada ligeireza, e, outras, tocando o extremo, faz da linguagem um complexo de flores.

Em todos os seus escritos admira-se a profundidade de ideias, que demonstram terem sido concebidas por uma das inteligências mais robustas do Parlamento, onde o sr. Tomaz de Carvalho tem hoje um lugar de deputado.

Êste digno representante da Nação, nascido como foi o povo, não deixará nunca de defender os seus direitos, nem há-de jámais lançar-lhe na fronte o escárneo, porque, bom e fiel, será sempre um democrático, mas não como alguns que, confessando o orgulho da mesma crença, são contudo capazes, se um criado lhes trouxer por engano um charuto em vez de cigarros, de lhe darem a repreensão transformada numa sova de pancadas.

Estes democratas ridículos que, para imitarem o sistema inflexível de Vitor Hugo, são capazes de despedaçar e calcar aos pés o busto de Napoleão numa sociedade pelo sentimento da verdadeira independência que a índole vaidosa lhes inspirou, apresentar-se-ão de luvas brancas, mas hão-de olhar de revés e com desprêzo para os que não usam senão daquelas que a natureza lhes deu.

Estes caracteres que falam, mas não sentem, são os maiores sabujos que tem um Estado.

Se não põem em almoeda os sentimentos e o coração, é porque têm a certeza de que o pêso a que podem chegar não vale ainda a insignificância rasteira do seu orgulho!

.....

.....

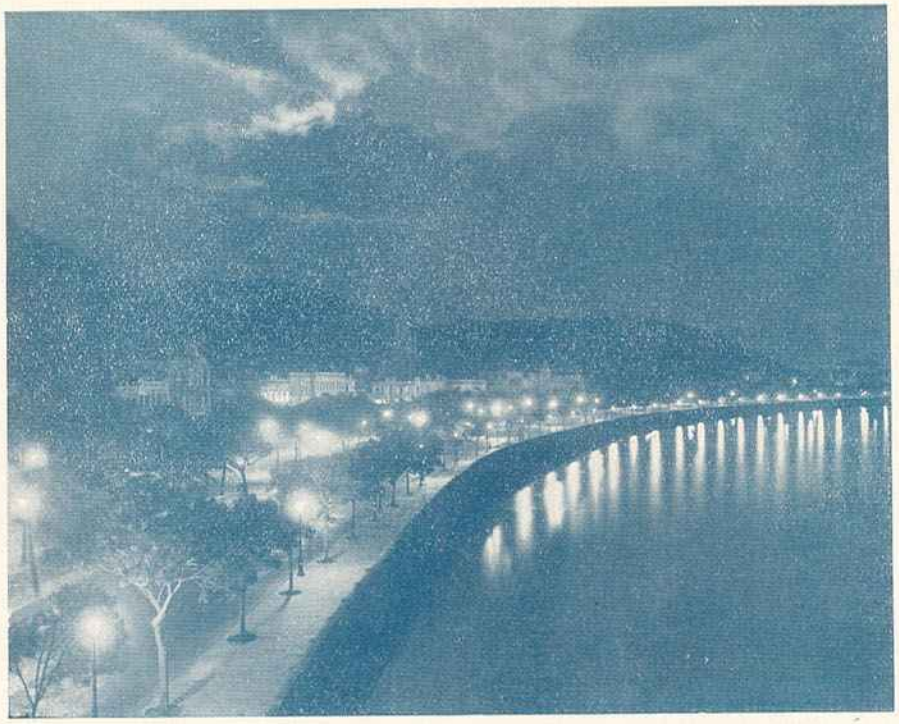
.....

Tive realmente imensa pena de que o sr. Sant'Ana tivesse, dois anos antes de o conhecer, um duelo com o sr. António Rodrigues Sampaio, de que resultou êste último ferir o seu adversário.

Tive pena dêste sucesso, repito, porque me impossibilitava de pedir ao sr. Sant'Ana que mo apresentasse, eu que havia tanto tempo desejava conhecê-lo pessoalmente.

Latino Coelho

Sempre fui assinante da *Revolução de Setembro*, e pude, portanto admirar a dignidade com que êste jornal — o primeiro do reino — tem sido redigido por êste seu honrado redactor e responsável.



Rio de Janeiro — Botafogo

Os artigos do sr. António Rodrigues Sampaio são todos sérios e admiràvelmente escritos.

É talvez o jornalista mais distinto em saber manejar a pena.

Como sofista, é o primeiro. Os seus argumentos são sempre baseados; a censura ríspida sem ser escandalosa, cortante sem ser provocadora, sai tão aprimoradamente da sua pena, que os antagonistas voltam da liça vencidos em face daquela potência de inteligência.

O carácter do sr. António Rodrigues Sampaio pertence ao número dos mais honrados.

Quando o sr. comendador Manuel Pinto da Fonseca me falava dêste seu amigo fazia-me dêle os maiores elogios, e dizia-me sempre: "Receio provar no meu testamento a sincera amizade que tenho a êste amigo, porque, à independência de carácter que lhe conheço, temo que êle se ofenda".

Isto é suficiente para demonstrar o sr. António Rodrigues Sampaio.

Se em Lisboa há algumas pessoas que pelo seu talento, pureza de sentimentos e honradez de carácter merecem que se lhe confie a pasta de ministro do reino, o sr. Rodrigues Sampaio é o primeiro sem dúvida na lista dêsses poucos e raros privilegiados.

O sr. Latino Coelho era amigo do sr. Sant'Ana; mas como êste só trazia e convidava os amigos que bem queria, nunca lhe pedi que me apresentasse ninguém, e eis o motivo porque não tive o gôsto de receber em minha casa o sr. Latino Coelho, êsse brilhante e espirituoso crítico, que a felicidade permita não seja com maus olhos que se volte para esta primeira publicação.

A pouca indulgência nas suas apreciações literárias é o seu defeito dominante. Onde caírem os desapiedados bicos daquela pena sempre molhada em fel, a morte é inevitável. Mas a sua crítica é sempre chistosa, embora pungente.

Homem político e de ciência, é com jus que tem uma cadeira em S. Bento, onde os seus discursos eloqüentes salvam ou castigam o ministério.

Uma das pessoas que também teria desejado conhecer era o sr. José Maria do Casal Ribeiro, poeta, homem político, e melhor financeiro ainda.

A sua inteligência solta às vezes aqueles rasgos impetuosos, só permitidos ao génio dos estadistas privilegiados.

Actualmente deputado, ninguém melhor do que êle, depois do ilustre ministro Fontes, pode exercer com mais utilidade ao país e ao govêrno o encargo de ministro da fazenda, cuja pasta tem infelizmente atravessado tantas mãos geladas pela impotência e inactividade.

Depois de falar nestes homens ilustres pelos seus brilhantes talentos, não deixarei de mencionar o sr. António Serpa, que o sr. Sant'Ana nunca quiz apresentar-me, apesar de eu o conhecer já como escritor dramático e político, assim como por autor de muitas poesias, onde se encontra o transcendente perfume das mais engenhosas poesias de Almeida Garrett.

Também desejei muito conhecer o sr. Mendes Leal, pela admiração que tenho da sua inteligência vasta e fecunda.

O autor da *História do Oriente*, o primeiro poeta dramático português, o autor dos *Homens de Mármore*, dos *Homens de Oiro*, e de tantas outras composições brilhantes, o talento escolhido para acabar as obras do visconde de Santarém, não podia deixar de me ser agradável a sua apresentação.

Um domingo, era meio dia; veio o sr. Sant'Ana a minha casa acompanhado do sr. Lopes de Mendonça.

Fiquei satisfeita com esta visita porque estimo as pessoas de talento, e o sr. Lopes de Mendonça é, sem questão, um dos bons escritores dêste país, devendo tudo a si, porque estudou sòzinho, e, aparecendo inesperado no mundo das letras, desejou ilustrar o seu nome nessa carreira brilhante até que o conseguiu, subindo com justiça a uma das cadeiras na Academia das Ciências.

Como jornalista em economia política, o seu talento desenvolve-se com vantagem e superioridade; no folhetim, a sua observação é sisuda e por vezes satírica, modelando um estilo animado de muitas flores de poesia.

No drama só lhe conhecemos a *Afronta por Afronta*, uma quási estreia do autor, que, apesar de se lhe encontrar certa transcendência do aroma e disposição literária, é, das suas produções, a menos valiosa.

Em compensação, porém, o autor deu-nos depois as *Recordações da Itália*, volume caprichosamente escrito, e todo composto de belezas literárias.

Concluírei estas breves e pequenas análises com o nome distinto do ilustre deputado José Estêvão Coelho de Magalhães, cabeça loucamente exaltada, homem de um excelente coração e de uma filosofia pouco vulgar.

Primeiro orador no país, capaz de falar um dia inteiro sem que o fio do discurso se desvie do assunto principal, sem que as mais poéticas imagens desapareçam das suas palavras, sem que as flores da retórica desamparem um instante a sua eloqüente voz, obtém sempre, pela energia que o anima, vencer ou sofismar convenientemente a questão.

Já uma vez o distinto orador chegou a impressionar tanto o parlamento, que os seus colegas o levantaram nos braços ao ar, cheios de entusiasmo, num ímpeto arrebatador.

O sr. José Estêvão é tão querido de todos e tão bem conceituado no povo como o foi em Paris e nas Câmaras o distinto general Foy.

Foi neste ano e nesta casa que tive o gôsto de receber algumas vezes a visita do sr. Lobo que tinha sido secretário da embaixada portuguesa em Bruxelas.

Com imenso prazer tornei a ver êste cavalheiro, que é um perfeito *gentleman*. O sr. Lobo possue realmente os foros dêstes dois títulos que tão bem lhe quadram.

Com sinceridade tive saüdades quando o sr. Lobo deixou Portugal para ir como adido para o Rio de Janeiro — essa capital de mais civilização do que muitas antigas cidades.

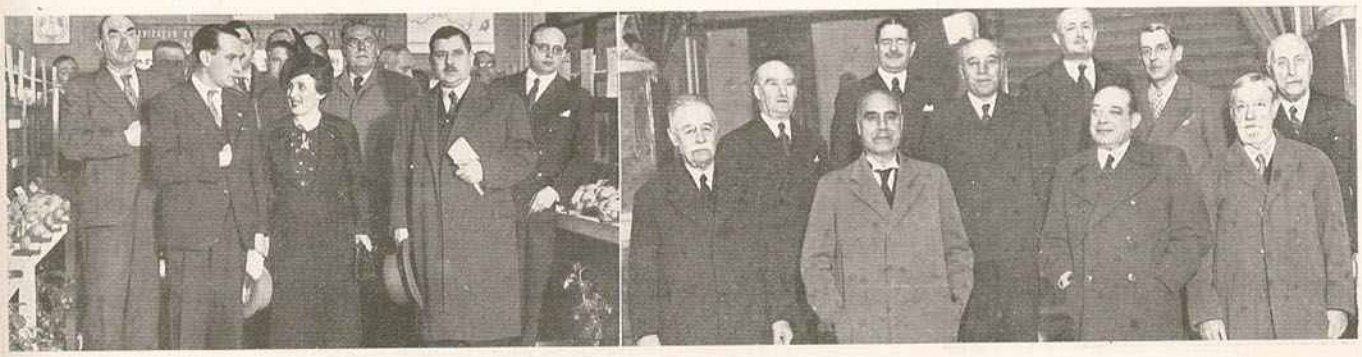
No Brasil, que é uma terra hospitaleira, onde se sabe fazer diferença entre as educações, naquele país que tanto têm querido vilipendiar e abater, pintando os seus naturais como caracteres bárbaros e ambiciosos, e até cruéis e despóticos, no Rio de Janeiro, entre aquela gente a quem tão mal tem cabido tão injustas asserções e ataques, o sr. Lobo há-de conquistar aquela estima e consideração que êles nunca negam a quem a merece.

JOSEFINA NEUVILLE.

ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

Um trecho da assistência à conferência realizada pelo sr. dr. Rui Ulrich na Associação Comercial de Lisboa. — *A' direita:* o conferente no uso da palavra
Esta conferência, tendo por tema, as «Relações económicas luso-britânicas», faz parte da série que aquela prestigiosa instituïção promoveu

O sr. dr. Agostinho Fortes presidindo à cerimónia da posse dos novos dirigentes da Associação Académica da Faculdade de Letras. O ilustre professor terminou o seu discurso por afirmar: — Precisamos integrar-nos na doutrina do Estado Novo. É Portugal que o exige para sua maior glória. Não devemos prometer, mas realizar. É pelas realizações que se conhecem os homens. Não faremos política no sentido depreciativo da palavra, mas sim no sentido elevado. Respeitaremos a opinião geral, mas não nos basearemos nela para as nossas realizações. Não cederemos a pressões, porque temos uma vontade firme e sabemos o que queremos. Avante por Portugal!



Os srs. ministros do Comércio e da Agricultura na sua visita à Exposição Demonstrativa de Batata para Semente, inaugurada na Associação Central da Agricultura. — *A' direita:* A nova direcção da Sociedade de Geografia

Myrna Loy — a filósofa ideal

ESTRÊLAS

OUVINDO

A FILOSOFIA DE MYRNA LOY

OU A ARTE DE VIVER FELIZ NESTE VALE DE LÁGRIMAS

São dezanove horas de um dia muito comprido e atarefado para uma vedeta da categoria de Myrna Loy.

A um lado do enorme cenário, há uma grande mesa cheia de guloseimas e refrescos, e, por detraz desta, aprumam-se três criados prontos a servir as iguarias. É uma festa oferecida por Myrna Loy a todos os que tomaram parte com ela na produção.

Logo de manhã cedo, a estrêla tinha avisado todos os componentes da companhia que ficassem para esta festa. Ela própria chamara pelo telefone os artistas, mesmo os que não tomavam parte nas cenas a filmar nesse dia, pedindo-lhes que não faltassem.

Myrna Loy, a fulgurante estrêla da Metro-Goldwin-Mayer tem 33 anos, consoante um retrato datado de 1905 o documenta franca e lealmente.

Hoje Myrna Loy cintila como um astro de primeira grandeza no estrelado céu de Hollywood.

Um dos seus visitantes conta-nos singelamente as suas impressões:

Filmou-se a última cêna. A película está terminada, portanto.

Norma Shearer que, segundo Myrna Loy, tem o seu atractivo na sua beleza clássica e na sinceridade que a rodeia

Êste espírito de camaradagem é uma das mais belas qualidades de Miss Loy, a estrêla que, quando sai em "location", jámais pede favores especiais, que se senta na mesma mesa com os outros membros da companhia, que passeia e conversa despretensiosamente com todos.

Myrna — como a chamam invariàvelmente os seus companheiros — é uma das mais inteligentes estrêlas da tela, e responde sempre sensàtamente a tôdas as preguntas que lhe fazem acêrca da sua carreira.

Detesta as entrevistas nos cenários, quando está trabalhando nalgum filme; contudo, são tão graciosas as suas negativas, que, longe de se ofenderem, os jornalistas mais a apreciam. Tem prazer em falar sôbre temas de interêsse geral, demonstrando nessas conversas a sua clara inteligência. Em Hollywood é proverbial que Myrna não se mete na vida de ninguém. É talvez por isso que nunca teve preocupações de qualquer espécie.

— Nunca tive razões para me preocupar — afirma ela na sua encantadora filosofia. — Lembro-me até de que na fazenda do Estado de Montana, onde nasci, meu pai me disse certo dia: — "Myrna, se tu cumprires sempre com os teus deveres, ocupando-te apenas com a tua vida e reclamando o teu direito em tudo, mas sem exageros, tu serás sempre feliz, e nada te sairá ao contrário". Êste sábio conselho de meu pai tem orientado sempre a minha norma de conduta.

E assim tenho vivido — continuou ela — sem preocupações. Julgo até que tenho vivido até agora em dois mundos, tendo-me valido o saber conservar o devido equilíbrio.

"A arte de representar é um dos meus mundos. A realidade é o outro. Ora, estes dois mundos não se misturam. Se isto acontecesse, o resultado seria desastroso. Representar é a minha profissão, e, quando estou nos estudios, é a minha única vida. Cada novo papel que interpreto é uma nova aventura para mim. Se eu levasse para casa o meu trabalho tôdas as noites, talvez desaparecesse essa sensação, e não teria mais prazer no meu lar. A mesma coisa sucederia se levasse a minha vida privada para os estudios.

"Com respeito à minha carreira, descobri que não se pode ser diferente na tela e na vida privada. As qualidades que distinguem os luminares diante do público, são as mesmas qualidades que fazem os nossos amigos interessar-se por nós. Pelo menos, isto é o que penso, a julgar pela minha própria experiência".

Para despertar êste interêsse, tanto no público em geral, como nos seus amigos, devem ser atraentes as estrêlas do cinema? Myrna Loy julga que devem ser.

"Mesmo que uma mulher não seja atraente, — diz ela — pode chegar a sê-lo. Geralmente, as mulheres belas e de talento são fascinadoras. É algo que nasceu com elas. Mas, no caso das que têm mais talento do que beleza, o seu poder fascinador não está tão desenvolvido, atingindo apenas os seus amigos.

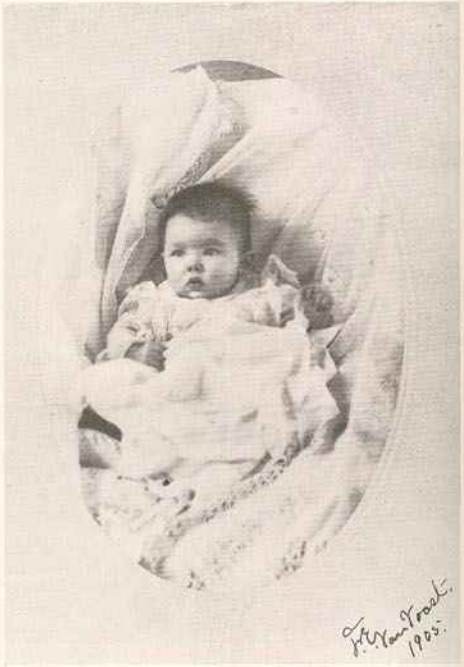
Para descobrir o poder de fascinação, o que a mulher necessita é trabalhar àrduamente como se se preparasse para uma carreira profissional. Deve adquirir suficiente confiança em si e procurar ter bom gôsto na escôlha de seus vestidos e de tudo o que a rodeia. Não se transformará em outra pessoa, mas será uma pessoa tão mudada por sua própria vontade e esfôrço, que poderá parecer uma pessoa diferente. Uma das bases fundamentais de fascinação é não falar sem ter algo interessante que dizer. A mulher que aspira a ser fascinante não deve, sob nenhum pretexto, pretender ser o que não é na realidade.

Talvez eu esteja enganada e não saiba o que estou dizendo. Mas francamente, o que digo é, pelo menos, o resultado da minha análise.

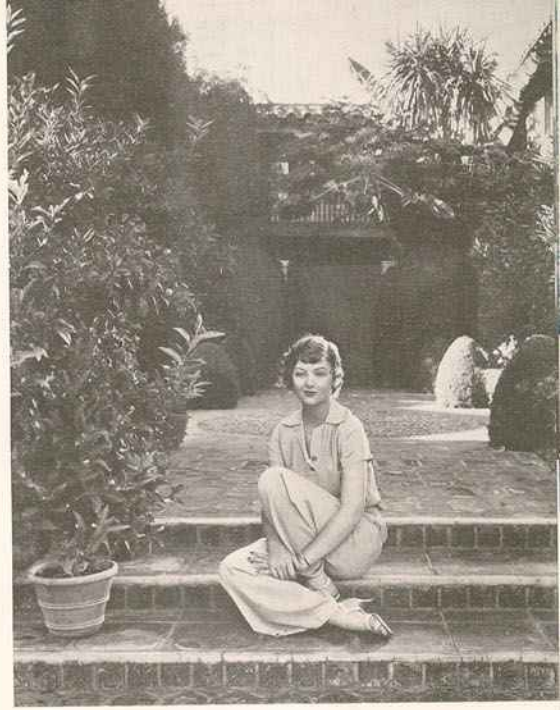
Miss Loy julga que a fascinação de Greta Garbo está no mistério de seus olhos; a de Norma Shearer, na sua beleza clássica e na sinceridade que a rodeia; em Joan Crawford, está na sua coragem, em Jeanette MacDonald, na sua beleza de rosto e voz.

A' esquerda: *Joan Crawford que tem o encanto na sua coragem, segundo Myrna Loy*

A' direita: *Greta Garbo que Myrna Loy declara atrair pelo mistério dos seus olhos*



Myrna Loy com três meses de idade, em 1905, consoante esta curiosa fotografia documenta



Myrna Loy no seu jardim

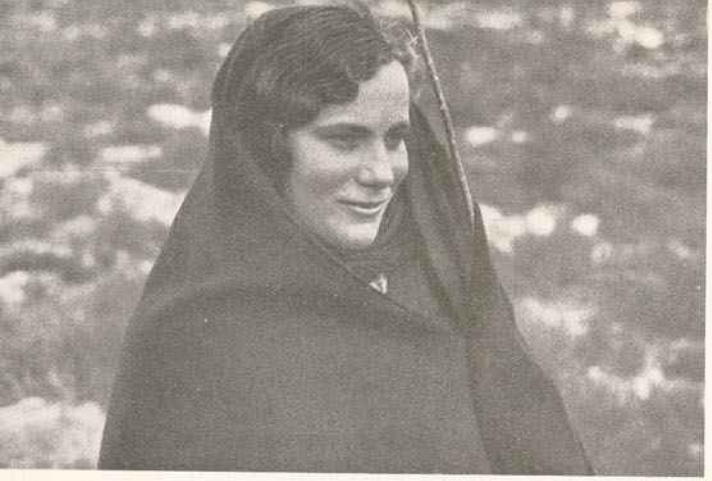
Mas agora — preguntamos nós — onde está a fascinação de Myrna Loy? Ela não soube responder. Reflectindo, soltou uma sonora gargalhada. Era uma gargalhada que começou como o soar de um sino, e se elevou ao tom harmonioso dos sinos da Catedral de Westminster.

Será que o riso é o dom de fascinação de Myrna Loy? Se não fôr, é, pelo menos, uma parte do seu poder fascinador.

O. L.

NA SERRA DE SANTA HELENA

Encantos portugueses que Portugal mal conhece



A pastora Helena

A todos os portugueses que, dando largas à sua ânsia de correr mundo e à sua bolsa suficientemente recheada para tais digressões, se afastam do seu torrão pátrio, deveria ser aconselhado, antes de mais nada, uma viagem através de Portugal. Se um tal conselho fôsse aproveitado na devida proporção, obter-se-ia, pelo menos, um sensível corte na publicação de livros de impressões de viagens à Suíça, à Alemanha, à França... aos confins do inferno que muitos julgam ter atingido em tôda a sua imponente grandeza.

Regressaram os nossos viajantes com duas arrobas de folhetos turísticos, engendrados com uma certa habilidade, que mão mais hábil ainda lhes impingiu a trôco duns míseros francos — e vá de traduzir aquilo, melhor ou piór, e atirar cá para fora com um livro de impressões mirabolantes.

Oh! Londres!... há lá nada como Londres! aquilo, sim... aquilo é que é uma cidade onde até os pardais vêm comer à mão.

E Paris?... Oh! Paris! grande cidade, coração do Mundo, onde até o rio Sena sabe falar francês...

E Berlim?... Pois existe alguém no mundo que não visitasse Berlim, onde até os cavalos das estátuas se mantêm em sentido há centenas de anos?

E Roma?... Como pode viver-se sem ter ido a Roma, mesmo sem ver o Papa?!...

E Nápoles?... Descer à sepultura sem ter visto o Vesúvio numa hora de mau génio, vomitando lava como um bêbedo embriagado vomitaria vinho! Que tristeza! Uma velha tradição apregoada pelos *lazzaroni* diz que "ver Nápoles e depois morrer...» Faça-se-lhes, portanto, a vontade...

E, por aqui fora, o nosso viajante eleva-se nos Alpes, convencido de que só ali, como o nome indica, pode ser feito o alpinismo; alcandora-se às montanhas suíças que os reclamos da Nestlé tão docemente nos mostram com as suas vaquinhas de olhos nostálgicos e úberes sempre cheios; trepa aos Pireneus de que as velhas crónicas da Península lhe falam com certo agrado; toma o rumo do Himalaia afim de verificar em que ponto lhe faltará o ar; dá, em seguida, uma grande volta, e vai misturar-se com os ursos do Sol da Meia Noite, e assim, sucessivamente, até se considerar um digno patrício de Fernão de Magalhães que foi o primeiro a dar a volta ao mundo.

Tudo isto dará uma longa série de volumes, abarrotando de impressões, como o próprio Magalhães não foi capaz de escrever, talvez por falta de tempo... ou de talento...

Pelo menos, isto pensará o viajante sedento de emoções que pretende arvorar-se em cosmopolita, visto Portugal ser um país pequeno em demasia para os seus arrojados vôos.

No entanto, se lhe preguntarem o que conhece dêsse Portugal, responderá que pouco mais do que o caminho da doca de Alcântara, onde embarcou num grande transatlântico, ou a gare do Rossio, onde tomou lugar cómodo numa carruagem do *Sud-Express*.

Conhece o Minho, Trás-os-Montes, o Douro, as Beiras, a Extremadura, o Alentejo ou o Algarve?

Nada disso. O nosso viajante, embora com fumaças de letrado, pode ter, quanto muito, umas vagas reminiscências da pobre corografia de instrução primária... se é que conseguiu passar nesta prova.

Mas que se lhe há de fazer? Se, a cada passo, vemos pessoas de ambos os sexos e de todas as idades ignorarem tudo o que as poderia orgulhar na sua alma portuguesa, mas que sabem na ponta da língua o nome dos astros cinematográficos de Hollywood!

Correr mundo é bom. Educa e diverte. Mas porque não havemos de começar por conhecer os cantos à nossa própria casa?

Cita-se a anecdota daquele pobre diabo que, tendo-se embriagado, não sabia dizer em que rua morava às pessoas que o rodeavam a prestar-lhe auxílio. Riem-se talvez dêste desventurado que fazia, por uma amnésia compreensível, o que muitos podem fazer por uma ignorância intolerável. Sim, porque um dêsses viajantes, ao ser interrogado lá fora acerca de Portugal, não saberia dizer mais do que o tal bêbedo falho de memória acerca da sua casa.

Viajar como Fernão de Magalhães?

Muito bem. Mas êsse, quando se decidiu a correr mundos ignorados, já conhecia a sua terra natal. Um dia, descendo dos penhascos de Sabrosa, veio por aí abaixo até Lisboa ensinar a velejar os homens da borda d'água, até que, abrindo as suas asas portentosas, desferiu o seu vôo arrogante à volta do globo terrestre.

Estas considerações foram-nos sugeridas por umas belas fotografias obtidas pelo sr. dr. Beirão da Veiga nas poéticas paragens de Tarouca. Voltamos a ver essa risonha vila portuguesa do tempo de Portugal, que D. Deniz distinguira com um foral honroso a mais não poder ser. Ainda nos lembramos dos belos tempos da nossa meninice em que trepávamos as vertentes da Serra de Santa Helena tão cheia de encanto que o próprio Napoleão a teria trocado pela outra Santa Helena que lhe deram como cárcere e sepultura

E então o rio Varosa sussurrante, cujas águas cantam uma toada portuguesa que os próprios barqueiros nos traduzem na sua linguagem ingénua mas eloqüente:

Bimos de riba do Doiro
Inda não bimos doirados...

E assim vão até ao Douro, e do Douro ao Porto, carregando batata durante uma vida inteira, sem que os doire a opulência que faz criar maus vícios.

Lembramo-nos com saüdade dessa grande e alcantilada serra de Santa Helena, em cujo cimo se ergue a capela da Santa que lhe dá o nome, capela rasteirinha à terra, mas, por isso mesmo, na sua humildade bendita, mais perto do ceu do que as majestosas catedrais.

Como ainda nos recordam as novenas que antecediam a festa anual! Pastoras formosas, estuantes de seiva e de candura, enfeitavam o altar da Santa, cantando-lhe as lôas que são transmitidas, no seu ritmo inalterável, de pais para filhos, como a mais salutar das heranças:

Ó Senhora Santa Helena,
Desejo muito amar-vos;
Aqui estou aos vossos pés,
Humildemente a louvar-vos.

Depois, todas essas moçoilas voltavam à sua vida pastoril, desde o raiar de alva ao pôr do sol.

Ainda existirá na estrada que vai para Viseu o famoso *Castanheiro de Oiro*, em cuja volta esvoaçava uma lenda de tesouros encantados? Diz-se que, à sombra desta arvore secular, um tal João Alves Pereira da Silva, construíra há cinqüenta e tantos anos uma casa para ser utilizada como hospedaria. Segundo a lenda, o nome de *Castanheiro de Oiro* provém-lhe de ter cravadas as suas profundas raízes num riquíssimo tesouro que alguns moiros, invisíveis, estavam guardando através dos séculos.

Santa ingenuidade a dêsse povo!

No entanto, ao serem abertos os alicerces para a construção da tal hospedaria, foram encontradas uma ânfora de barro preto, duas pias de pedra e alguns carvões.

O tesouro, se ainda lá está, lá se conserva sob a rigorosa vigilância dos tais moiros invisíveis.

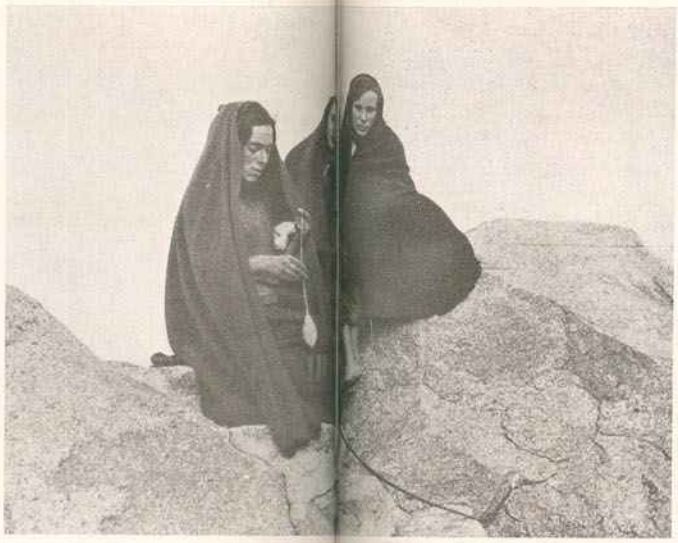
Se alguém se apoderou dêle, o prejuízo não foi irremediável, visto ter ficado ainda a riqueza incalculável do panorama que ladrão algum será capaz de roubar. Essa enorme fortuna da região mantem-se intangível, podendo até dizer-se que, de ano para ano, vai aumentando com a acumulação de juros.

Quantas saüdades as belas fotografias do sr. dr. Beirão da Veiga nos trouxeram! E quanta alegria ao verificar que êste ilustre português ama a sua terra ao ponto de a conhecer em toda a sua vitalidade ignorada, em toda a grandeza dos seus empreendimentos, em toda a pujança das suas energias e em toda a beleza encantadora da sua paisagem!

GOMES MONTEIRO

(Fotografias amavelmente cedidas pelo sr. dr. Beirão da Veiga).

Como nos antes pastoris...



Guardando o rebanho

Regresso ao redil

Aquilino Ribeiro

UM NOVO LIVRO SENSACIONAL

Anastácio da Cunha — o lente penitenciado

que o talento de Aquilino acaba de fazer ressuscitar

Mais um livro de Aquilino Ribeiro.

Ainda há poucos dias havíamos registado o S. Banaboião, anacoreta e mártir *e já temos outra nova obra sôbre a mesa. Desta vez trata-se de* Anastácio da Cunha, o lente penitenciado *que teve grande aura nos tempos do Marquês de Pombal como geometra, matemático, e até poeta, embora as musas não darem grande confiança a sábios de tal calibre. Aquilino Ribeiro, com o seu enorme talento, conseguiu desentulhar do olvido êste vulto interessantíssimo e trazê-lo até nós em tôda a sua enorme envergadura. Através do livro de Aquilino passa o sábio ilustre que uma intriga atirou para o tribunal do Santo Ofício, visto faltar-lhe o apoio do Marquês de Pombal. O dealbar do novo reinado veio colocar o pobre Anastácio da Cunha numa situação difícil. Daí o ter sido condenado "pelos crimes de heresia e apostasia à excumunhão maior, à confiscação dos seus bens e às mais penas do direito".*

Mas, atendendo a ter feito a sua confissão logo que foi preso, com mostras e sinais de arrependimento, êste novo Galileu ficou em termos de ser recebido no grêmio da Igreja, tendo de ir ao acto público da fé, na forma costumada, abjurando os seus êrros e os seus bens que reverteram para a câmara real.

Aquilino Ribeiro consegue empolgar-nos nêste seu livro formidável, dando-lhe vida e fazendo história sem a mais leve torcedura. Nisto se concentra o valor desta obra. A prosa bem trabalhada, cantante, harmónica traduz a verdade, relata a verdade, conta a verdade. Dum assunto que muitos escritores apresentariam sêco, árido e massudo, Aquilino faz surgir uma obra empolgante desde a primeira à última página.

É êste o prodígio do seu talento.

Eis um trecho que confirmará o que deixamos exposto:

Elvas é um dos pontos em que o sacripanta faz alto e a sua malignidade descobre abundantíssimo pábulo. Os paineis que então traça da vida portuguesa são dum naturalismo flagrante, pintados com aquelas côres sôbrias, mas exactas e vivas, de que só os britânicos têm o segrêdo. O governador da praça convida estes forasteiros de marca a jantar. Com êles tomam lugar à mesa a espôsa do governador Valleré, um homem prodigiosamente gordo, fardado de oficial, cruz de Malta ao peito, designado por iniciais que não é difícil traduzir por D. João Manuel de Vilhena, comandante do regimento de cavalaria aquartelado na praça, alguns eclesiásticos, e várias personagens inominadas. A atenção de Costigan converge sobretudo para aquele D. João, que não solta uma palavra, mas come e bebe como o heroi de Zorilla, e ri, ri descompassadamente com grande tremor das enxúndias acumuladas nas regueifas do cachaço e nos vários soventres. Todo êle é uma montanha tremulante a cada gargalhada que dá, e gargalhadas tem-as a propósito de tudo, mal a dona da casa abre a bôca, mal o governador dispara um cumprimento, mal um dos eclesiásticos larga a sua laracha, seja do que fôr, embora soturno como um *requiem*. Um dos padres vai-lhe tombando copo após copo, o que leva a espôsa do governador a dizer:

— Apre, só almocreve ou inglês!

A certa altura, o governador manda deitar uma gôta de vinho no fundo do copo e bebe à saúde de S. M. Graciosíssima o rei de Inglaterra, mal molhando os lábios. O tonsurado aproveita para emborcar o seu copázio. Reina a animação e a bisarma de homem continúa a soltar as suas tonitruantes gargalhadas.

— Quem é aquele oficial monstruosamente gordo que está sentado ao lado da senhora? — perguntou Lord Freeman a Valleré.

— Um grandecíssimo toleirão — respondeu Valleré — e verdadeiro epítome da fidalguia lusitana. Ali onde o vê com aquele carnagão todo, não faz outra vida que não seja comer e beber e dormir. E coronel do regimento de cavalaria, mas há mais de seis anos que não monta a cavalo por se não encontrar bicho que agüente com êle. Há de acabar governador dalguma praça desmantelada para ter o direito de usar colete encarnado e nos dias santos ir ao beija-mão da Côrte.

Tendo Lord Freeman estranhado que muitos dos convivas tivessem retirado, ao passar-se da sala de jantar para o salão a comer a sobremesa, doces, frutas e bebidas, entre as quais o copo de água gelada — o café e o charuto para nós hoje — esclarece Valleré:

— Existe na língua portuguesa um livro único, curiosíssimo, chamado o *Perfeito Capitão*, que veio a lume com as bençãos tôdas do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço e justamente encomiado por sonetos e outras peças líricas de grandes nomes na religião e nas letras. Não imagine, porém, que se ensina nêle a arte da guerra, não. Mas nada melhor para se saber o número de pregas que devem ter os bofes da camisa, como se há de frizar o rabicho, dar o nó da gravata, fazer a mesura ao entrar e sair duma sala, beijar a mão, e outras cerimónias de natureza religiosa e civil como receber o Santíssimo Sacramento em casa, estar à mesa com decência, observar a boa etiqueta. Ora nesta altura o *Perfeito Capitão* manda evacuar a sala por tôdas as pessoas com excepção dos íntimos do governador e daqueles que êle pretende distinguir.

Manifestou lord Freeman desejos de visitar o forte de Lippe, sem atentar aos puxões que Valleré lhe dava à socapa nas abas do redingote. Cruzando os braços no peito em sinal de mágoa, o governador respondeu:

— Tenho muita pena, meu caro senhor, mas recebi ordens expressas para não mostrar o forte a ninguém.

O forte de Lippe, crismado em Graça pela devoção rial, era então o que é hoje a Linha Maginot em França, obra militar reservada zelosamente. Desenhado e começado a construir pelo engenheiro Etienne sob o risco e alçado do conde de Lippe, quando aquele retirou, chamado a construir em Alemanha a fortaleza de Willelmstein, tomou a direcção das obras Valleré. Parece que êste fez úteis aditamentos à planta primitiva. Vaz Parreiras, que foi governador da barra e cidade de Aveiro decanta em memória o primor da praça: "... Deve-se um justo valor à ciência e perspicácia de M. de Valleré que, sabendo-se aproveitar do local, construiu aquela fortaleza com tantas obras da sua invenção que fundou em tôdas elas a fôrça e duração do mesmo forte: e aquele governador que, em caso de ataque, souber tirar deles o partido para que foram destinadas fará demorar e aturdir o inimigo a ponto de não poder vencer a oposição que a cada passo se lhe apresentará no caminho das capitais, desde o alcance da maior bôca de fogo até o centro e demolição do seu reduto: sendo batido ora pela frente, ora de revez ou de enfiada, outras vezes do alto das abóbadas, das portas fortificadas e dos altos massacúlis, que o farão sucumbir, retirar-se ou morrer um corpo sôbre o outro..."

Refere Stockler que entre outros problemas apresentados a Valleré pelo conde de Lippe primava pela sua importância o de inventar reparos para as peças de calibre três, de maneira que estas pudessem ser conduzidas por muares nos trânsitos escabrosos e solo de montanha tão fàcilmente como uma liteira, sem perder ao mesmo tempo a possibilidade de rodar em planície e sem prejuízo da manobra.

De Valleré, deu-lhe a solução satisfatória, criando a carreta desmontável, com a propriedade, além disso, das bôcas de fogo poderem atirar em todos os sentidos, desde seis graus por baixo do horizonte até noventa graus por cima dêle. A artilharia de montanha estava pràticamente criada. Foram ainda da indústria de Valleré, no forte de Lippe, a esplanada cofrada a canhoneiras subterrâneas, a estrada coberta com seus traveses fortificados para o jôgo de qualquer peça, a galeria que levava da esplanada à fonte da Têlha, lunetas especiais para a artilharia, bastiões entrincheirados, e todo o diabo a quatro da arte da fortificação, sem esquecer o reduto com os seus armazens bem providos de pólvora e de comestíveis, a cisterna com água para seis meses, em suma tudo o que seria preciso para uma guarnição resistir a um exército de querubins de modo a obter "capitulação honrosa ou só a render-se depois de ter feito ao sitiante uma mortandade horrível".

Dêste sucinto bosquejo ressalta francamente porque era vedado o acesso ao forte de Lippe, chave de todo o sistema defensivo da província do Alentejo.

Lord Freeman e Costigan viram-se daquele modo impedidos de visitar o forte, ao contrário de Diogo Ferrier que uma tarde ali assistiu ao exercício de fogo vertical com a artilharia aperfeiçoada por Valleré. Ir praticar o seu bocado de tempo ao locutório das freiras de Santa Clara era número obrigado a turistas de marca. Mas lord Freeman roservou tôda a sua gula e curiosidade insaciável para o serão no Paço Episcopal com um bispo amigo de receber e grã senhor. Não deixaria de se jogar a sua partida de whist e então com que parceiros!

De caminho para o Paço Valleré informou-o de que quilate era aquele príncipe da Igreja. De maneiras, melífluo, magnífico, untuoso, um perfeito encantador de serpentes. No fundo um refinado tartufo. Passava a vida a intrigar a guarnição com o governador e o governador com os ministros. Já tivera artes de atirar um dali para fóra, só porque êste se deixara visitar por uma bela criatura que viera expressamente de Lisboa. E êste inimigo de escândalos nadava em crassa escandaleira.

O prelado acolheu-os galhardamente, ladeado por fâmulos e duas interessantes sobrinhas. Entre pessoas de tão alto coturno a cordialidade depressa raiou. Depois do chá os lacaios armaram as banquinhas de jôgo. Deitaram-se cartas a tirar parceiros: lord Freeman jogaria com uma meninas e Costigan com outra. E a partida começou animada e cortês. Mas que toque foi aquele no pé de lord Freeman. Puro acaso, batotinha...? Adiante, os olhos das mocinhas são aves do paraíso e as cartas saltam em suas ligeiras e com arrufada bobagem. Segundo toque no pé de lord Freeman; desta vez suave, mas teimoso. Tão teimoso que se decide a espreitar com a mais honesta indiscreção dêste mundo. É o pé pequenino, da moça, dêstes que cabem na cova da mão, que pisa e repisa o seu com insistente amavio. O lord fita-a, fitam-se e lá se foi o grande *robber*.

— Afinal — pregunta Costigan para Valleré, interessado com o lord na decifração da charada, uma vez à porta do Paço — quem são estas duas deliciosas criaturinhas? Não estivemos nós em Citera?

— Nos meios eclesiásticos passam por sobrinhas do prelado e assim as tratam curas e fregueses. Favoritas, favoritas de harém é que elas são.

Este bispo que os recebe bizarramente com salvas de bolos e caramelos, a sua boa chícara de chá ou de café, e infalível partida de whist, quem havia de ser? O magnífico D. Lourenço de Lencastre, protagonista do *Hissope*. Em verdade, não houve outro prelado na Sé de Elvas no transcurso de 1762 a 1778, ou seja o tempo que Diogo Ferrier serviu em Portugal. Homem de letras gordas e de prosápia — em face do Lara, homem, êsse, de letras gordíssimas e toleima — intrigante e trapaceiro,

D. Lourenço de Lencastre, bispo de Elvas

Sé de Elvas

> Do livro mandará riscar as multas,
> Negará tê-las feito e negaria,
> Se necessário fôsse, o mesmo Cristo,

é fácil de reconhecer. Aqui e além os traços picturais com que o desenha Silva condizem com os de Costigan. Ei-lo no poema:

> Reinava a doce paz na santa igreja.
> O bispo e o deão, ambos conformes
> Em dar e receber o bento hissope,
> A vida em ócio santo consumiam.
> O bom vinho de Málaga, o presunto
> Da célebre Montanches, as galinholas,
> As perdizes, a rôla, o tenro pombo,
> O bom chá de Pequim, e lá de Moca
> O cheiroso café, em lautas mesas
> Do tempo a maior parte lhe levavam
> E o restante, jogando exemplarmente
> Ou dormindo, passavam sem senti-lo.

Já anteriormente transparecia aquele prelado nos seguintes versos do poeta:

> Então com o rosto inteiro e sossegado
> Oiço que o vão Alcandro, porque cinge
> De calva fronte a respeitável mitra,
> De poeta me nota e de ocioso,
> Enquanto nas pomposas assembleias,
> Entre tortas, brilhantes serpentinas,
> Jogando o whist passa a noite inteira.

Fica pois identificado o jogador de whist de Costigan, aqueles de quem testemunhos coevos dão como vivendo com luzido espavento, a sua mesa levando a palma em finura e abundância à do aparatoso general visconde da Lourinhã. Faltou ao satírico um pormenor de primeira magnitude: o culto prestado a Vénus por êste príncipe da Igreja. Supomos que não seja invenção pura a história das duas graças. Mas não deve ser: uma voluptuosidade chama a outra. A omissão de Silva compeende-se: aquela matéria estava no terreno defêso à crónica literária. A hipocrisia reinante, o mêdo às responsabilidades, a quarentena a que andava sujeita a pena do escritor em tais assuntos, a própria Mesa Censória não autorizavam tal licença.

A EVOLUÇÃO DO AUTOMÓVEL

Desde o seu aparecimento que o automóvel tem evoluido duma maneira extraordinária, e, não devemos nunca esquecer qual tem sido a sua influência na vida moderna.

Aí por 1900 começaram a aparecer os primeiros automóveis abertos sem comodidade de espécie alguma, com uns motores incriveis, fazendo um barulho ensurdecedor, estes carros que só os favorecidos da sorte possuiam, e, que usavam mais por vaidade do que por comodidade, deixaram de boca aberta todos os camponeses que cruzavam por essas estradas da velha Europa.

Duma incomodidade unica os primeiros automóveis foram o merecido alvo das sátiras dos humoristas. As caricaturas choviam e os intrépidos desportistas que se arriscavam a fazer uma passeata de trinta quilómetros, espantavam os seus amigos e deixavam em cuidado a família extremosa.

As estradas há trinta e oito anos não eram em parte nenhuma o que são hoje e qualquer passeio de automóvel com caminhos maus e péssimos motores, tornava-se numa verdadeira tragédia.

O andar de automóvel nesse tempo de estradas poeirentas e mal tratadas exigia uma indumentária especial, o automobilista e as corajosas senhoras que o acompanhavam, vestiam longos «guarda-pó» em seda crua ou alpaga, óculos que protegiam os olhos e as senhoras envolviam chapeus e cabeleira em longos véus de gaze que as protegiam do flagelo da poeira e lhes seguravam os chapeus que as contínuas sacudidelas punham em grave risco.

As «pannes» eram certas e quando num passeio havia só uma «panne» remediável e que não exigia o recorrer à junta de bois para reconduzir o automóvel à «garage», podia dizer-se que tinha sido um esplêndido passeio, da maior felicidade.

Havia quem fizesse testamento ao dispor o espírito para um passeio de automóvel, de que, pelo menos regressava com o corpo moido, porque além de tudo as molas dos carros não eram das mais macias.

Contava-se que um rico desportista dos primeiros entusiastas do automóvel, absorvido por guiar a difícil máquina ao chegar ao ponto designado para o passeio viu com espanto, que as senhoras que o acompanhavam tinham desaparecido. As pobrezinhas não tinham tido fôrça para se segurar e com os solavancos tinham ficado caídas na estrada, e, êle não ouvira os seus gritos ensurdecido pelo aflitivo roncar do barulhento motor. E' possivelmente uma «blague» esta história, mas prestava-se bem a elas o tormento dum passeio de automóvel nesses tempos que já lá vão.

Era freqüente quando se ia dar um passeio que devia durar uma hora só aparecer no dia seguinte. Mas como tudo, o automóvel foi se aperfeiçoando e em 1906 aparecia no Bois de Boulogne o primeiro «cabriolet» que levando dentro uma linda mulher causava uma sensação maravilhosa de assombro pela sua elegância e comodidade.

Estava dado o primeiro passo para tornar elegante êsse meio de transporte que até então tinha sido olhado como ùnicamente próprio para as estradas e era êste o último golpe nas elegantíssimas carruagens puchadas por cavalos «pur sang», que enchiam com os seus piafés as avenidas dos Bois de Boulogne e da Hyd Park e as ruas das cidades europeias, que tinham um especial cunho de requintada elegância.

O aperfeiçoamento do automóvel era o golpe mortal nas carruagens e na tracção animal. Era o desenvolvimento duma nova indústria a adopção dum novo meio de transporte, a deminuição da distância, o turbilhão da velocidade introduzindo uma nova era na vida da humanidade.

A supressão da distância originou como é natural o desejo de movimento e começou a mania da deslocação, tornou-se mais intenso o desejo de ver terras novas e o automóvel deixou de ser o objecto de luxo, instrumento de desporto e passou a objecto de luxo para exibição de elegância.

Nessa altura ainda só quem era muito rico tinha automóvel, as senhoras utilizavam-no nas suas visitas e estava incluido no rol das coisas necessárias para demonstrar que a aura da fortuna rodeava os seus felizes possuidores.

Mas pouco a pouco o automóvel democratisou-se, nas grandes cidades principalmente em Paris apareceram os primeiros «taxis» e por diminuto preço fazia-se uma corrida, podendo qualquer pessôa embora não tivesse fortuna utilizar êsse meio de transporte, que o aperfeiçoamento dos motores e o melhoramento das molas, já não tornava num instrumento de tortura.

Começaram as rivalidades das marcas, era «chic» possuir uma determinada marca e como sempre dessas pequenas rivalidades dos homens, dessas vaidadezinhas, que fazem sorrir os filósofos veio o aperfeiçoamento da maquina que é hoje quási indispensável ao homem moderno.

De objecto extranho que causava a admiração das gentes, de objecto de luxo que só os afortunados possuiam, o automóvel tornou-se no serviçal amigo do homem.

Nas cidades os «taxis» são a salvação dos apressados e chegamos quási a não compreender como se fazia dantes a vida sem a sua ajuda preciosa. É tarde para o jantar? Temos um «taxi» que rapidamente nos leva a casa. Há uma pressa aí vem êle e podemos dizer que hoje todos têm automóvel.

No campo para aqueles que vivem longe das povoações o automóvel é uma necessidade de que dificilmente se dispensa, embora as carreiras de «camionettes», que circulam por todas as estradas sejam já hoje como que os «taxis» dos que na província fazem essa deliciosa vida de «gentlemen farmer» nos seus solares ou palacetes e também para o povo, que ràpidamente se quer transportar.

E já hoje a gente que vê atravessar em vertiginosa corrida, automóveis e «camionettes» não pára assombrado e não fica supondo que está o mundo para acabar, é que nos trinta e oito anos deste século o progresso tem sido tal que nem mesmo os aviões já causam espanto ás populações rurais.

Trinta e oito anos de aperfeiçoamento trouxe ao automóvel uma completa modificação de aspecto como as nossas gravuras o atestam e há uma grande distância entre o «cabriolet» exíguo acanhado de 1906 com o automóvel aérodinâmico de 1936 ou 1938.

O «cabriolet» tinha ainda uma grande semelhança com o «coupé» puxado a cavalos e tinha o aspecto de qualquer coisa que tivesse sido mutilada.

O automóvel hoje com as suas esplêndidas molas com a sua «carrosserie» aperfeiçoada o seu motor esplêndido, tem o aspecto seguro de quem se sente perfeito.

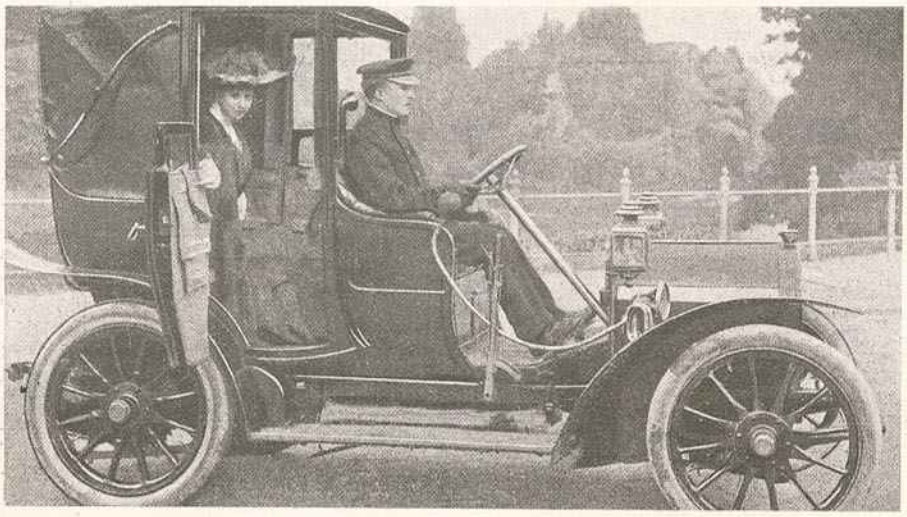
Embora ainda haja desastres, mas quando e onde é que os não há? Ninguém pensa em fazer testamento porque vai fazer um passeio, ou mesmo uma viagem mais ou menos longa. A comodidade de que está revestido já não exige essa indumentária de explorador, que os primeiros automobilistas convictos envergavam para andar dez quilómetros.

As senhoras fazem viagens vestidas, como para qualquer outra coisa, um passeio ou um chá, e, o automóvel suprimindo distâncias permite um muito mais extenso convívio social, e se na Europa já é duma enorme comodidade, o que não diremos daqueles que vivem em Africa e que hoje consideram visinhos os que vivem a oitenta, cem ou duzentos quilómetros? E como instrumento de trabalho o automóvel é um dos maiores benefícios da humanidade.

Há pessôas que vêem ainda pelos olhos antigos e olham sempre que o ter automóvel é uma manifestação de luxo; é um êrro, porque nem sempre assim é. Há profissões que quasi o exigem como a de médico, de negociante e na América do Norte tanto assim o compreendem, que quási toda a gente tem um automóvel para seu serviço próprio.

Até os operários quando auferem um bom salário, a sua primeira despesa é o pequeno carro que lhes facilita a vida evitando-lhes a perda de tempo, na espera, e, na luta ali tão violenta para a entrada nos meios de comunicação vulgares como eléctricos, combóios e metropolitanos.

MARIA DE EÇA.



IDOLOS QUEBRADOS

Se há vidas onde o riso é tragédia e onde a felicidade paira irónica e cruel, prometendo e faltando sempre às suas promessas, essas vidas são com certeza as dos artistas do teatro, acrescidos agora com os do cinema, a quem esperam as mesmas desilusões. Noites de glória efémera, enquanto o pano não cai, glória que mal deixa um rastro súbtil, que a pouco e pouco se vai apagando na memória das gentes, se os artistas desaparecem.

Quer morram ou se retirem apenas forçadamente ou levados pela má sorte, a ingratidão daqueles que dantes se emocionavam ou riam com êles é igual e inevitável, porque é de humanos a humana inconstância.

Um artista grande actor ou grande actriz entusiasma hoje a plateia até ao rubro da admiração, é, na opinião de todos êsses que se desfazem em aclamações e elogios, nessa hora breve, inimitável, insubstituível.

Infelizmente não é fixa nem mesmo sincera esta convicção ou talvez o seja, mas por indolência o público não reage nem protesta, quando uma empresa põe no logar dêsse interprete outro inferior.

E é por isso que se têm cometido algumas injustiças. Se o público amparasse o seu predilecto ou mesmo o seu protegido, evitavam-se muitas penas e muitos desesperos.

Mas o público é uma criança grande. Tiram-lhe um brinquedo, êle entristece e faz beicinho.

Acenam-lhe a seguir com outro, e êle logo se conforma e aceita-o, e não mais pensa no primeiro que lhe deu tão bons momentos de prazer e emoção.

■

Confiados na versatilidade dos espectadores, os empresários, como todos os homens vários e sôfregos de novidade, dão às vezes como gastos artistas que ainda tinham muitas reservas de beleza no seu talento e na sua alma, e vão abandonando-os pouco a pouco até que definitivamente os lançam á margem do esquecimento. Há quem se resigne e continue vivendo, com pouco pão e menos confôrto, sentindo cantar dentro de si a recordação dos triunfos passados, que lhe embalam as dôres e distraem a sua fome.

E lá vão seguindo, párias do ideal, querendo viver de quimeras, de alma vazia de ilusões, e que não acreditam que tudo tenha acabado, teimosos em ver luzir um clarão de esperança, onde tudo é treva e desilusão, até que a morte vem e lhes corta o sonho tantas vezes recomeçado.

Ah! mas nem tôdas as almas têm em si o recurso da resignação, nem todos os cérebros podem resistir impávidos aos golpes da desventura. E, assim, há artistas que uma vez apeados do seu pedestal vitorioso não podem conformar-se em fazer parte da massa dos sem-ventura, não conseguem amordaçar a sua revolta.

Polaire

E como nada podem contra a má vontade de egoistas e ingratos, e como lhes é já impossível suportar a vida, sem levar aos lábios êsse nectar delicioso que é o aplauso duma sala em delírio, dão largas ao desespêro e tentam fugir de si próprios, como essa estranha artista francesa — Polaire — de quem os jornais diários contaram a desventura.

■

Era uma figurinha interessante e um tanto exótica, a creadora da "Claudine à l'école" de "Colette voilly".

Os olhos côr de avelã, em amendoa, o cabêlo da côr dos olhos, trazendo no sangue o sol da Algéria onde nasceu, Polaire andou muito tempo cirandando pelos "music-halls" da França cantando cançonetas perversas e bregeiras. Depois transitou para o teatro de comédia, onde a vi há muitos anos representar *La sauvageonne*, de Ives de Mirande, se a memória não me atraiçoa.

Estava-lhe na "caixa" êsse papel, como se diz em gíria teatral.

Rapariga impetuosa, selvagem, mas logo amansada pelo amor.

De pequena estatura, Polaire tinha uma cintura delgadíssima que se tornou notável.

Não era bonita, mas era peor. Aliciante, com um não sei quê de felino nos gestos e no olhar, impressionava quem a via e muitos corações se queimaram à sua passagem.

Os americanos contrataram-na, para fazer em Nova-York o seu reportório de canções, e para chamar a freguezia anunciaram-na nos cartazes como a mulher mais feia do mundo.

Assim mesmo. Está claro que tudo acorreu a ver o fenómeno, e decerto que o reclame redundou em proveito da graça e da gentileza das mulheres de França e da mulher em geral. "A mulher mais feia do mundo" foi pois uma desilução, para os que procuravam emoções novas em novos modêlos de fealdade.

Polaire foi aclamada com retumbante entusiasmo na terra do "tio Sam", como costumava acontecer-lhe em qualquer ponto do mundo onde aparecesse.

Como queriam vocês que esta mulher se resignasse a uma vida obscura e inutil, depois de tanta fanfarra gloriosa que a acompanhára sempre.

Triste vida a dos cómicos! Tanta beleza espalham em sua volta, tanto riso, tanta sensação, e êsses que do confôrto duma poltrona os olham indiferentes ou apenas com a ideia interesseira duma hora bem passada, mais tarde, quando a doença ou um destino mau os atira definitivamente para o desconforto duma vida de abandono, não se lembra mais de que êles os ajudaram a esquecer uma dor, de que êles os tonificaram e lhes deram forças novas para vencer — êles, os eternos vencidos. Pobres cómicos!

MERCEDES BLASCO.

Atrio do Convento dos Capuchos em Sintra

De Cascais, pela Bôca do Inferno, à Guia é boa meia hora de caminho. E da Guia vamos, a cortamato, à Torre. Num têso, próximo do povoado, pinhal manso. E todo o chão não cultivado, é coberto de piornos, carrascos e lentiscos. A estrada declina para nordeste; entre cevadais já altos chegamos a Birre. Perto fica a escola primária que ali criou o desvelado carinho de Lima Jorge. Em volta, várias aldeias. No terreno, semeado de pedregais, oliveiras, amendoeiras, figueiras vão sem trato. Abrigadas a muros de pedra solta, cerejeiras, pessegueiros, macieiras e pereiras, de pequeno porte — não podendo resistir ao rigor dos ventos mareiros que sopram rijamente. Mas há também grandes nogueiras, que nêste descampado surpreendem. As casas, quadradas e de quatro águas, rés-do-chão e primeiro andar, cada piso com uma ou duas janelas abertas a sul, livres de vendavais, são cercadas de quintalejos. Nos cómoros crescem piteiras, caniços e figueiras da Índia.

Voltamos a nascente, entrando em breve na estrada de Cascais, que, perto da Malveira, entronca na de Oeiras a Colares.

Conversamos com um velho saloio. E tudo é a séca que lhe vai matando a seára:

— Ele não chove...

Calo-me, por não lhe poder dar consolação. E, ao cabo de meditar, conclui:

— Que se lhe ha-de fazer? A água é o sangue da novidade...

E lá se vai à sua arribana, entristecido.

Vê-se o Alto Estoril, e, por um chanfro nas colinas do sul, Cascais e o mar que refulge. Para sudoeste fica o Parque da Gandarinha, a Torre, o Farol, a Guia, a Praia do Guincho.

Vamos devagar, na monotonia da planície verde e rasa. Adiante estão ceifando. Junto de um portal um carro de lavoura. E, pastando, duas vacas, um cavalo, um burro — todos os semoventes de carga e tiro do lavrador remediado dêstes sítios.

E aí temos Aldeia de Juzo. Além, à direita. Murches. E, já sôbre a Serra, Malveira de Cima.

Cabouqueiros atroam os ares com dinamite. As pedreiras abundam. E não só fornecem alvenaria e cantarias, mas abastecem fornos de cal.

Vai-se, para oeste, à Charneca por um ramal, e da Charneca à Praia do Guincho, através da Marinha. Descemos agora para um extenso covão, ao qual confluem valeiros, separados por pequenas colinas na direcção norte-sul. Uma destas tem uma forma bizarra: a de um dorso de camelo emagrecido. Noutra, cortada pela estrada, vêem-se camadas geológicas que se dispõem de noroeste a sudoeste.

Só há piteiras, nos valados. O leito de um regato, a sêco... Depois, num debrúm de terreno, figueiras e vides.

Uma estrada entronca. Cedros a vão bordando lá para as bandas do mar, onde corre um bosque umbroso. E do arvoredo distante ressai um telhado côr de oiro... O vale, que a estrada tomou, segue sinuosamente. Vem descendo, paralelamente, uma ribeira. E surge a bucólica...

Choupos, álamos, castanheiros e vimes cobrem a frescura das águas. Azambujos florescem entre lapêdos. Cantam passarinhos nas frondes. E tal alegria de aves eu nunca vi ao redor de Lisboa!

É um rincão da minha Beira, encravado na bravia charneca saloia. Com êle veio decerto uma colónia de melros, porque êstes melros, que estão trinando, são, bem se vê, irmãosinhos dos da azenha da Ponte de Mortágua.

Alarga-se o vale, e as casas da Malveira aparecem entre olivêdos e vinhas.

Raparigas andam colhendo nêsperas. O Ratinho, que se chama Joaquim do Leal, e o Verde-Gaio, que se apelidou Alberto no baptismo — garotinhos que encontrámos à sombra de um eucalipto!, jogando as cartas, a botões — são mimoseados com alguns frutos que lhes atira lá de baixo uma parceirinha da sua idade, que ri a bom rir, vendo-os carregar nossas bagagens.

— Ó Ratinho! Ó Verde Gaio!

— Adeus, Rosa Caneca!

Tôda a gente aqui tem alcunhas. E só pelas alcunhas se tratam...

Trigais maduram. A erva semente orla de verde retinto a ribeira; pampilhos atiram aureas estrêlas por sôbre a esmeralda dos prados.

O povoado dispõe-se à volta de um cabeço que um matagal vem coroando. Figueiras da Índia, cactos, — flores amarelo torrado, alaranjado, côr de fogo, sôbre a negrura do granito. Fronteiro, outro cabeço. Em ambos, moínhos de vento, padejando.

Trepamos, por entre êles, a caminho de Malveira de Cima. Já nos fica ao fundo a ribeira e o vale de Alquerubim. Para o noroeste espraiam-se culturas, abrigadas de caniçais.

Pequenas arborizações. Uma levada cachôa. Junto à azenha, milheirais de regadio. Acima, uma matazinha de cedros Deodara e de pinheiros exóticos. E o primeiro *quercus robur* surge entre severos monólitos de granito. Que humilde aqui a orgulhosa árvore de Jupiter!

Chegamos à Portela. É logo a estrada, entre giestais. A vista domina agora o mar e as terras.

Mas é a montanha que nos prende. Á esquerda, Pedra de Hera, Penedos Gordos, Peninha, Pingos Velhos, Pingos Novos, Calhaus das Lages, Calhaus dos Corvos. Além da Portela, Lajões, Pironga e Alto dos Currais. Á direita Penedo da Caterina, Penedo dos Corvos e Penedo do Sobrado...

Passamos a Fonte Nova. Ao lado, uma tapada com seu casal. Á porta, crianças brincando. Uma pastorinha loira, com seu saiotinho vermelho, leva o rebanho. No ribeiro, miosotis. Macela floresce entre a erva tosada pelos gados, perto do lavadouro.

Deixando à direita a Quinta dos Fetos, atacamos a Serra.

Burros pastando. E um cavalo solitário, numa eminência, isolado, é um chefe natural; sente-se verdadeiramente rei. Relincha, como quem comanda...

Praia de Cascais

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Através da linda Serra de Sintra

Uma vez a Cascais... para muitas vezes mais

Uma cotovia sobe. Que longo canto! Que requebros! Vai perder-se de vista, e ainda se está ouvindo. É já uma voz do céu... Mas subito abate, como se tombasse ferida. Atira-se do ar; é um voluptuoso trespasse a sua desamparada queda; o seu gorgeio é uma deliciosa agonia...

Alcança-se tôda a planura, de Alcabideche ao mar. A fita dos areais descobre-se do Cabo Raso ao Guincho.

Á nossa roda, colinas mansas, redondos outeiros. Só uma ou outra se empaveza de núas penhas. Pascem vacas mansamente.

Á Fonte Cova, cabradas, ovelhadas.

A lomba da Serra cobre-se de nevoeiro. Um milhafre paira. E chuvisca...

Apertamos o passo.

Em tôda a encosta, fétais. Botões de ouro esmaltam o relvêdo. Barbas de raposa enliçam-se nos tojos. E as ultimas violetas...

Chegando à Portela, divisa-se o mar que bate as arribas, espumante. E as penhas precipitam-se para oeste como quem vai ao fragôr de uma batalha...

Quebramos a norte. A névoa levanta. Bebeu-a o sol...

Que lindo poço, cercado de rododendrons!

O tropel das penedias um momento oculta o Oceano, mas eis a Praia das Maçãs que surge das ondas! E entre as serras e o mar ficam as várzeas. À primeira vista, da altura a que estamos, parecem as culturas um só tapiz unido; olhando melhor, distinguem-se sortes de mato, pinhais novos, brêjos, esparsas manchas no rico xadrez da planura. Como suspenso, a um vôo de andorinha, um graciosissimo morro sôbre um vale de encantamento. E, ao fundo, Colares, a formosa!

No ar lavado o azul desmaia. É côr de pérola o mar. E o sol cai em fios de oiro!

Minas vão rompendo o sub-solo; duas bicas oferecem aqui, a quém passa, a límpida frescura das suas águas. A magoriz, a queiró, o piorno alastram. E, na humidade da leiva, fortes juncos e fétais.

É em baixo a estrada. Continuamos pelo carreiro. Chegamos à Fonte do Passarinho. Avista-se a Pena, alando-se dos rocais!

Já descemos o Cabeço da Cal. Um pobre homem vem conduzindo dois burrinhos, esmagados sob a joina.

— Como consegue carregar tanto os burrinhos? — pergunto.

— Faço a carga de mato no chão, e depois, com minha mulher, atiro-lha ao lombo...

Para os Capuchos, cortamos à esquerda. Um pinhal manso. E de um velho cano de pedra, que ali corre, rebentam as águas em lameiros.

Há depois uma leve, rápida lomba. Sobreiral. Logo o conventinho se descobre entre umbrosos plátanos. Penhascos se vêm juntando. Passando um arcozinho que dois amorosos penedos, soerguendo-se, formam, entramos num pequeno átrio. E, sob um freixo secular passando ainda, o Adro, rodeado de ciprestes, nos acolhe, com os seus assentos rústicos. Ao centro, duas mesas de pedra. E uma fonte chorando...

A cortiça, é sôbre o rochedo, tôda a gala permitida. Tudo no conventinho prega humildade. Só para o serviço de Deus se abriu excepção: na igreja, (na qual se penetra por uma cavidade na penedia, e cuja cúpula é penedia a descoberto) o altar é de mármore, o frontal de embutidos.

Uma lápide diz ter sido fundador do convento D. Alvaro de Castro (do Conselho do Estado e Vedor da fazenda do rei D. Sebastião) por mandado de seu pai, D. João de Castro, em 1560.

Refere a tradição que não se pungiu a grandeza do monarca, partilhando da pousada com os *capuchinhos da Serra*. Talvez aqui o guiassem essas mesmas cruzes que sobre os rochedos vem marcando o caminho, e se lembrem do *Desejado* algumas árvores que aí estão erguendo ainda os braços convulsos. Em frente do adro está a capela de Santa Madalena, à direita a do Senhor dos Passos e à esquerda a de S. Francisco e a igreja. Por uma passagem cavada no granito vai-se desta à sacristia, tôda forrada de cortiça.

Como tudo é pequenino! Tem de se andar curvado, E a estreiteza das celas, onde só se entra de rastos, é a de sepulturas. O quarto do superior é um jazigo maior...

A cozinha é de telha vã, e na exígua casa de jantar a mesa é uma lage simplesmente.

E aqui temos a prisão... Cadeia para cenobitas!

E do outro lado, as enfermarias. Tomo medidas exactas: cada enfermaria tem 2m,80 de comprimento, 1m,40 de largura e 1m,90 de altura, com uma janela de 0m,45 por 0m,40. Morrer aqui devia ser já meio caminho do céu...

O almôço do trabalhador em Sintra

E por tôda a parte cheira a bafio, a podridão. Falta o ar. Das paredes, musgosas, a humidade ressuma.

Quando chegamos fóra, é um alívio. Do largo do Repucho avistam-se Colares, Montijo, Monte-Banzão, Janas, Praia das Maçãs, Azenhas do Mar... Perto, o Cabeço de Baixo e o Cabeço das Três Cruzes.

A horta e a cêrca são pequenas; mais vasta a mata em que se encontram sobreiros, castanheiros, carvalhos, freixos, loureiros, buxos, medronheiros e murta. No jardim, estão a capela do Senhor Morto e a capela do Senhor preso à coluna. Para nascente, a gruta em que Santo Honório, viveu pelo espaço de trinta anos, em penitencia.

O que rogavam a Deus os bons portugueses do século XVI!

Seguimos. Junto ao depósito das águas, sósinho, um cão amarra. Perdizes esvoaçam. É caçar no defêso!...

Á esquerda, a Cruz dos Capuchos, à direita, Mosqueiros e Monte Rodelo.

Aparecem tufos de rosmaninho. Cerram-se pinhais. Depois é brênha pegada. E, no meio, um lago. Á volta grandes sobreiros, carvalhos, cupressos, faias, salgueiros da Babilónia...

Estamos em Monserrate.

LOPES D'OLIVEIRA.

Vista de Sintra

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Politeama

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Francisca Cristino da Silva, D. Irene Arruda de Andrade, D. Izabel Marques Pereira, D. Maria Camila Castelo Branco de Almeida Fernandes, D. Maria do Carmo Lemos de Seixas Castelo Branco, D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Maria Joana Sarmento de Azevedo Furtado, D. Maria José de Lencastre Corrêa Viana, D. Maria de Ornelas Monjardino e D. Maria Tereza de Barros da Costa Sacadura, que levou a efeito no Politeama, na tarde do dia 12 de Fevereiro passado uma interessante festa de caridade, a favor da benemérita Associação «O Enxoval do Recem-Nascido», recebemos com o pedido de publicar, o resumo das contas da mesma festa, que rendeu para essa benemérita associação a quantia de 8:772$40.

Diplomatas

O ilustre Encarregado dos Negócios da União Sul-Africana, e sua esposa a senhora de Theran, ofereceram no salão de mesa do Palácio-Hotel, do Estoril, um almoço diplomático, ao qual fôram convivas as seguintes pessoas:

Exbaixador de Inglaterra e Lady Selby, ministro da Bélgica, condessa de Lichtervelde, ministro da China e senhora de Lee, ministro da Noruega, dr. José de Almada e esposa, Encarregado dos Negócios de Cuba e esposa, condessa du Moulin-Eckart, conselheiro da Embaixada do Brasil e esposa, capitão Alvaro Afonso dos Santos, dr. Carlos Pinto Ferreira e D. Aida Barreira, P. La Terza, R. Fernald, conde e condessa de Gil Colbert, major F. Jayme e esposa, Carlos Andressen e D. Josefina de Vasconcelos de Abreu Andressen Frank Hagemeyer, S. H. Willians e esposa, e Ronald e esposa.

— No mesmo salão, ofereceram o ilustre ministro da Dinamarca e sua esposa, a senhora de Boeck, um jantar diplomático, ao qual fôram convivas as seguintes pessoas:

Nuncio de Sua Santidade, Embaixador de Inglaterra e Lady Selby, ministro da China e senhora de Lee, ministro da Alemanha e baronesa de Royningen-Huene, ministro da França e senhora de Leroy, ministro de Itália e senhora de Mameli, ministro da Noruega, Encarregado dos Negócios da Romania, Encarregado dos Negócios da União Sul-Africana e senhora de Theran, Encarregado dos Negócios da Suécia, dr. Heitor Lira, conselheiro da Embaixada do Brasil e senhora de Lira, dr. Carlos Pinto Ferreira e D. Aida Barreira Pinto Ferreira, A. H. W. King, secretário da Embaixada de Inglaterra e senhora de King, D. Maria Ivens Ferraz de Mesquita, dr. Coelho Lisboa, secretário da Embaixada do Brasil, senhora de Wiese, Fernald, secretário da Legação, Carlos Andressen e D. Josefina de Vasconcelos Abreu Andressen, Mousenhor Veralino, dr. João Monteiro de Mendonça, D. Maria Tereza e D. Helena Perez y Esaguirre.

Casamentos

Na paroquial do Santo Condestável, à rua do Patrocínio, celebrou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria Luisa d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), gentil filha da sr.ª D. Maria Isabel Perestrelo d'Orey Correia de Sampaio e do nosso querido amigo sr. D. José Correia de Sampaio (Castelo Novo), com o sr. António São Romão Posser de Andrade, filho da sr.ª D. Maria Cândida São Romão Posser de Andrade, já falecida e do também nosso querido amigo sr. dr. José Maria Posser de Andrade, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey e D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio, respectivamente avó materna e tia paterna da noiva e de padrinhos os srs. João e José Posser de Andrade, irmãos do noivo, presidindo ao acto o prior da freguesia que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa do elegante palacete dos avós da noiva, sr.ª D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey e do sr. Frederico de Albuquerque d'Orey, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o Estoril, seguindo de ali para uma digressão pelo estrangeiro.

— Para seu filho D. José, foi pedida em casamento pela sr.ª Condessa de Almada (D. Maria José), a sr.ª D. Luisa Luz (Coruche), interessante filha dos srs. Viscondes de Coruche.

— Celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Júlia de Araujo Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Noémia Carolina Cruz Araujo de Carvalho e do sr. Júlio César de Carvalho, já falecido, com o sr. António da Silva Araujo, filho da sr.ª D. Maria Teodora da Silva Araujo e do escrivão de direito aposentado sr. Sebastião Maria de Araujo, servindo de madrinhas as sr.as Marquesa de Valenças e D. Maria Ester de Azevedo (Rio Sêco), e de padrinhos o sr. Marquês de Valenças e o pai do noivo, presidindo ao acto o reverendo prior da freguesia que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da sr.ª D. Maria Ester de Azevedo (Rio Sêco), um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Palmira Teles da Costa Monteiro e senhora do general Casimiro Teles, para seu filho e sobrinho o capitão de engenharia sr. Manuel Teles da Costa Monteiro, a sr.ª D. Maria Francisca de Paula de Meireles e Vasconcelos, interessante filha da sr.ª D. Sara Viana de Meireles e Vasconcelos e do sr. António Maria de Meireles e Vasconcelos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Na paroquial de São Jorge, em Arroios, celebrou se o casamento da sr.ª D. Maria José de Vasconcelos Amaral, gentil filha da sr.ª D. Júlia de Vasconcelos Amaral e do sr. António da Fonseca Amaral, já falecido, com o sr. António Lopes Paula de Matos, filho da sr.ª D. Helena de Matos Melo e do sr. Joaquim Lopes Paula de Matos, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Celebrou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.ª D. Hortense da Mota Mire, interessante filha da sr.ª D. Maria Augusta da Mota Mire, já falecida e do sr. Manuel Mire, com o sr. Manuel Vasco de Almeida Seixas, filho da sr.ª D. Gracinda de Almeida Seixas e do sr. João Augusto Seixas, tendo servindo da madrinhas, as sr.as D. Maria Amélia Marques Mire e D. Célia Simões Ferreira e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Armindo Simões Ferreira Júnior.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Mariana Ribeiro Leal de Faria, gentil filha da sr.ª D. Odete Ribeiro Leal de Faria e do distinto oficial de engenharia sr. Teófilo Leal de Faria, com o sr. Artur Bouneville Franco, filho da sr.ª D. Julieta Bouneville Franco e do sr. Augusto Cisneiros Franco, já falecido, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o pai do noivo e o tio do noivo sr. João Maciera Bonneville.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da confeitaria «Aurea», recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— No Santuário de Nossa Senhora de Fátima, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Ulminia Matoso Alagôa, gentil filha da sr.ª D. Piedade Matoso Alagôa, e do sr. António Marques Alagôa, já falecido, com o sr. dr. Cândido Gonçalves Ferreira, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Joana Bernardo Malagueta e D. Maria do Patrocínio Gonçalves Ferreira, irmã do noivo e de padrinhos os srs. Alberto da Costa Malagueta e Joaquim Gonçalves Ferreira, irmão do noivo, presidindo ao acto o tio do noivo, reverendo prior António Ferreira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para a Ilha da Madeira, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, na Casa de Saúde de Benfica, a D. Maria Luíza Leite de Faria de Melo Rego, esposa do sr Luís de Melo Rego, assistida pelo distincto cirurgião sr. Fernando Freitas Simões. Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Maria da Conceição Seabra de Oliveira, esposa do sr. António Velasco de Oliveira, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Maria Luiza d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), com o sr. António São Romão Posser de Andrade, celebrado na paroquial do Santo Condestável — (Foto Moreira)

Um janota, vendo passar uma dama um tanto madura, trajando um vestido verde:

— Tanta salsa para tão ruim peixe!

Ao que ela respondeu imediatamente:

— E tão pouco verde para tamanho asno!

■

Um ébrio vê-se obrigado a sentar-se num passeio porque o seu estado de embriaguês não lhe permite dar um passo. Nisto passa um automóvel em grande velocidade, e o ébrio exclama:

— E pensar um homem que aquela ditosa máquina pode correr tanto graças aos litros de álcool que leva dentro, emquanto eu, só com quatro copos de aguardente, não posso mexer-me!

■

Entre professor e discípulo:

— Sabe porque motivo o sol se mostra mais raramente no inverno?

— Sei sim, senhor.

— Então diga lá.

— É porque tem medo ao frio.

■

— Eu gosto tanto de leite ainda quente que às vezes bebo cinco e seis copos ali mesmo ao pé da vaca.

— Não me admira eu às vezes bebo a vaca tôda e não fico satisfeito.

■

Dizia um beberrão a um amigo entendedor de vinhos:

— Desengane-se, homem; há só duas qualidades de vinho. Há uns que são bons, e há outros... que são melhores.

■

— O que é pior que o agiota?

— O mau barbeiro, porque se aquele nos tira a camisa, êste tira-nos a pele.

■

Em um exame de português. O examinador:

— Pedro matou António. Onde está o sujeito?

O examinando:

— Provàvelmente na cadeia.

■

Solon estava uma vez silencioso á mesa.

— Porque não dizes nada? — perguntou-lhe Periandro, alarmado com tal mutismo — é estupidez, esterilidade ou o quê?

— Acaso ignoras — replicou Solon — que ao estúpido é impossível calar-se num banquete?

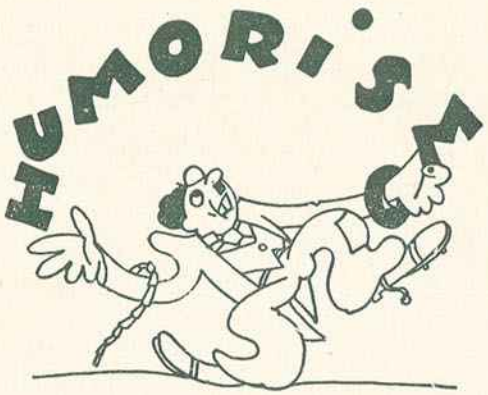
■

Numa estação de caminhos de ferro:

— A que horas sai o comboio das sete e quarenta?

— Ás oito menos vinte.

— Irra! Já é vontade! Sempre a mudarem o horário.



Um livreiro ambulante perseguia um sujeito para lhe impingir um livro. Tenho aqui uma obra...

— Eu não leio.

— Mas os seus filhos...

— Não tenho filhos.

— Mas a sua criada...

— Não tenho criada... tenho só um gato.

— Ah! pois então, quando o gato fugir com a carne, o senhor precisa de um livro para lhe atirar com êle!

— Isso é verdade.

E comprou a obra.

■

Á saída do teatro:

— Mamã porque é que quási tôdas as comédias acabam por um casamento?

— Porque é nêsse momento, minha filha, que a tragédia começa.

■

Num tribunal:

O juiz para o réu com cara de poucos amigos:

— É a décima vez que o vejo nêsse banco.

— Senhor juiz, — responde o réu em tom compungido — há oito anos que vejo V. Ex.ª sentado nessa cadeira, e nem pela cabeça me passa acusá-lo por isso.

■

O médico. — Luizinho, deite a língua de fóra.

Luizinho. — muito sério: — Pois não deitaste! Ontem fiz isso ao mestre e êle deu-me logo um puxão de orelhas.

■

D. Leopoldina, encontrando a criada, que se despedira de sua casa na semana precedente, diz-lhe:

— Já sei que estás arrumada em casa da D. Cesarina Pedreira. Nunca pensei que conseguisses arranjar um bom lugar tão ràpidamente.

— Mas minha senhora, não me foi nada difícil. A minha nova patroa, quando me fui oferecer, disse-me: "Visto que pudeste servir dois mêses em casa daquela mulher, deves ser um anjo É o melhor atestado. Ficas ao meu serviço."

■

Um filósofo atravessava um rio numa lancha. Pregunta ao barqueiro:

— Sabes história?

— Eu, não, senhor.

— Pois, filho, tens perdido metade da tua vida... E matemática?

— Isso também não, senhor.

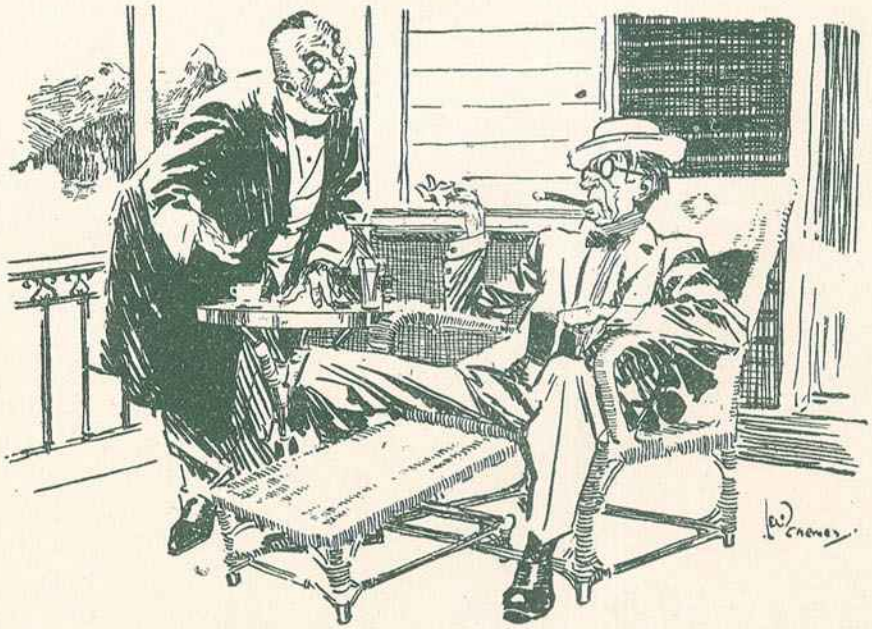
— Pois tens perdido quási a outra metade.

Nisto, levanta-se um grande pé de vento. Vendo o barco a voltar-se pregunta o barqueiro:

— E o senhor sabe nadar?

— Eu, não.

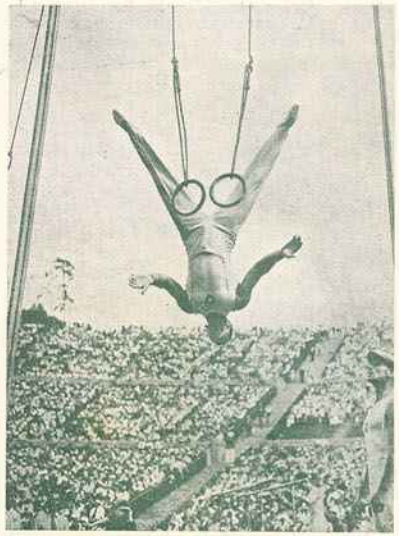
— Pois, então, saiba que perdeu a vida tôda inteira.



O turista: — *Quando estive neste hotel, há 8 anos, disse-me o senhor que estávamos a 700 pés de altura sôbre o nível do mar e agora diz-me que estamos a 1000 pés?*

O hoteleiro: — *E' que... V. Ex.ª deve ver que tudo tem subido depois da guerra...*

A QUINZENA DESPORTIVA



A gimnástica aplicada é, sem dúvida, uma das formas mais espectaculosas e variadas do exercício atlético. As recentes exibições realizadas no Gimnásio e no Sporting mostram o interêsse que esta modalidade está despertando no nosso meio

No decurso da quinzena ficou apurado o segundo campeão regional da época; conquistara o Sporting Clube de Portugal o primeiro título no football, segue-se-lhe agora o União Foot-ball Lisboa em basket-ball, rematando com dois excelêntes resultados uma prova em que afirmou assentuada vantagem.

O basket, ótimo exercício físico e emocionante espectáculo desportivo, é um dos jogos mais populares em Lisboa e de maior divulgação no país, podendo apontar-se seguramente como aquele que maior número de praticantes conta em seguida ao football.

A Associação de Lisboa organiza o seu campeonato em três divisões, nos quais participam mais de vinte colectividades com diversas categorias caaa, o que representa algumas centenas de indivíduos em actividade semanal.

Aproveitando a circunstância favorável da exiguidade do campo de jôgo e da faculdade de poder ser praticado em recinto fechado, os dirigentes da modalidade tomaram êste ano a iniciativa, que o êxito coroou, de fazer disputar os encontros das categorias de honra em sessões nocturnas nos dias do meio da semana, pondo em prática desta forma uma interessante descentralização a que o público desportivo soube corresponder.

A vitória do União no campeonato de 1938, a ninguém surpreendeu, pois o grupo de Santo Amaro já desde há meses vinha provando um acréscimo de valor técnico que fazia prever o revertecimento de antigos louros.

Depois de triunfar no torneio dos Jogos Desportivos Nacionais, organizados no outôno no Estoril, o clube conquistou com autoridade a Taça Imprensa, organizada pelo Ateneu com a participação dos vinte melhores grupos lisboetas, e como nunca há dois sem três, apossou-se agora do título de campeão regional, batendo o adversário finalista, o Belenenses, por 33-22 e 35-18.

Até êste momento, o União sofreu desde o início da temporada uma só derrota, pela diferença mínima de um ponto, no jôgo da primeira volta do campeonato contra o Carnide, campeão de Portugal e seu mais directo competidor; para futuro deve ser considerado favorito nas restantes provas da época oficial.

Os progressos afirmados pelos portugueses nesta modalidade fazem-nos lamentar a impossibilidade em que a nossa situação geográfica nos coloca de estabelecermos um íntimo contacto internacional, única forma segura de avaliar o quantitativo da nossa classe de jôgo e também de melhorar a factura do mesmo adquirindo conhecimentos que só uma larga experiência proporciona.

■

O paraquedista francês James Williams realizou uma proeza fantástica, na qual não sabemos o que mais admirar, se a audácia serena do homem, se a sua resistência física de autêntico atleta; lançar-se dum avião a 11.265 metros, e caír livremente abrindo o para-quedas apenas a 245 metros do solo, representa uma segurança inexcedível dos nervos que melhor se avalia conhecendo que a velocidade do corpo ao cabo de onze mil metros de queda livre excede 210 quilómetros horários, e a travagem resultante da abertura do para-quedas reduz instantaneamente êsse andamento vertiginoso para 20 quilómetros à hora. Suponha-se o esticão sofrido nestas circunstâncias pelo corpo do homem!

Por isso Williams se sujeitou prèviamente à mais rigorosa preparação; totalizou 343 descidas e experimentou 25 vezes o aparelho de que se serviu na sua tentativa final e de cuja solidez lhe dependia a vida. Os seus maiores saltos antes do rècord, haviam sido de 6000 a 8500 metros, e antes de se lançar na grande aventura conservou-se durante quatro dias em repouso absoluto sob a vigilância dos médicos que cuidaram sobretudo dos sistemas nervoso e arterial.

A parte técnica da experiência não fôra menos meticulosa; foi necessário desenhar, fabricar e pôr à prova um para-quedas especial; construir e regular uma pequena garrafa com oxigénio e a respectiva máscara inaladora; confecionar e afinar um fato e um capacete electricamente aquecidos; pôr à prova as condições físicas do paraquedista e a resistência da aparelhagem na caixa pneumática médico-fisiológica do gabinete central da aéronautica a-fim-de verificar se uma e outra se encontravam em estado de resistir à mudança brusca de pressão atmosférica.

O êxito da tentativa deve-o James Williams ao seu formidável sangue-frio, pois caindo pelo espaço como uma pedra sempre foi senhor dos seus movimentos, manobrando com os braços estendidos em cruz para conservar equilíbrio e não girar como um pião.

O tempo de queda até à abertura do aparelho sustentador foi de 2 minutos e 50 segundos para 11.020 metros, sendo os 245 metros restantes percorridos em 18 segundos. O contacto com o solo fez-se normalmente e o atleta, que bem merece a designação, não experimentou o mínimo abalo com o choque nem tão pouco se ressentiu da sua aventura.

Para êle, o que nos deixa perplexos, fôra o mais natural dos acontecimentos.

■

A anexação da Austria pela Alemanha trouxe fundas perturbações na orgânica internacional do desporto. Para todos os efeitos o desporto austriaco autónomo desapareceu e morre com êle um dos mais gloriosos núcleos do football europeu.

A situação presente foi claramente posta aos jornalistas pelo novo chefe do desporto germânico, o sr. Raffisberger, o qual disse que, para futuro, se não pode admitir a organização de encontros internacionais com a Austria, considerada como estado independente. A antiga Austria, tornando-se numa província do Reich, como o é por exemplo a Baviera, formará, uma nova sub-divisão regional; havia já uma associação regional bávara, saxónica, etc., haverá mais de futuro, uma associação regional austriaca.

Em face dêste critério, o encontro França-Austria em football marcado para Paris para o dia 24 de Março foi anulado e a participação dêste país no próximo Campeonato Mundial ficou implicitamente excluida e criou uma situação embaraçosa aos organizadores.

O sorteio do torneio final efectuara-se em princípios do mês findo, sendo a Austria escolhida como cabeça de série e cabendo-lhe por adversário a Suécia; o desaparecimento da equipa da Europa Central, cria para o grupo escandinavo uma situação de favor, classificando-o sem luta para os quartos de final.

Acontece ainda, para mais complicar os factos, que se afigura provável a desistência do representante da América Central, existindo ainda dúvidas quanto à presença da Argentina.

Tôdas estas abstenções da última hora modificam profundamente a orgânica da prova, aventando-se a possibilidade de anulação do sorteio realizado para proceder a nova distribuição depois de encontrar substitutos aos desistentes. Chegamos, assim, a uma situação que, embora partindo de factores aos quais somos absolutamente extranhos, nos pode vir a interessar directamente pois surge na imprensa francesa o alvitre de admitir na competição os quatro participantes das duas eliminatórias ainda não resolvidas, Polónia — Jugo Eslávia e Suiça — Portugal.

A ser assim, ver-nos-iamos seguros de participar no Campeonato pròpriamente dito, sem necessidade de correr novos riscos, o que representaria até certo ponto a justa compensação dos nossos famosos triunfos do início da temporada corrente.

■

A inclusão de provas desportivas no programa da feira-exposição de Luanda é um facto decidido pelos organizadores, dependendo apenas do acolhimento que à iniciativa fôr dispensado pelas entidades desportivas da metropole.

Fomos convidados por Sua Ex.ª o sr. governador de Angola para chefiar uma embaixada a deslocar àquela colónia em Agosto próximo e composta por um grupo mixto de jogadores de football dos três grandes clubes lisboetas, B. S. B., dois tenistas e uma senhora especialista do mesmo jogo indicados pela respectiva Federação. O projecto foi aceite em princípio, mas não o consideramos ainda solucionado pois a êle se ligam tantos interêsses que será difícil a sua conciliação. Oxalá seja viável êste empreendimento pelo qual há alguns anos vimos pugnando nas páginas da "Ilustração".

Não poderemos, provàvelmente, aceitar o honroso convite de acompanhar os desportistas do continente, mas satisfaz-nos e compensa-nos que êstes sigam viagem a levar aos seus camaradas do ultramar o abraço fraternal dos desportistas da Pátria-Mãi.

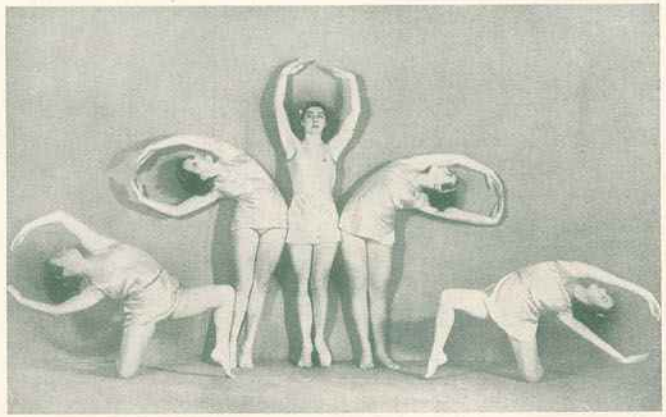
O francês James Couttet ganhou o campeonato do mundo de velocidade na descida, em esqui, contando apenas 17 anos de idade; é o mais jovem vencedor da prova desde a época da sua criação

Portugal tem o maior interêsse em estimular o desenvolvimento da prática desportiva no vasto território do seu Império, interêsse nacionalista porque contribui para o revigoramento integral da raça, interêsse de propaganda pelo prestígio que os êxitos dos seus representantes conquistem nas cinco partes do mundo.

Se na Metrópole as condições de prática são já reconhecidamente insuficientes, pior nos territórios do ultramar.

SALAZAR CARREIRA.

O paraquedista James Williams, apetrechado para o seu lançamento record de 11.265 metros, saída o público que veio presenciar a sua arriscada tentativa



A graciosidade das atitudes na dança rítmica faz dêste exercício uma das modalidades de cultura gimnástica melhor apropriada para a mulher, embora não constitua só por si elemento suficiente de educação física

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifonciro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas.

RESULTADOS DO N.º 2

Decifradores — TOTALISTAS

(21 pontos)

Agasio, Alfa-Romeo, Benito, Diriso, Fra-diávolo, Mirna, Visconde X e Ti-Beado.

OUTROS DECIFRADORES

Até hoje, Mr. Dell, Niomar, Rosa Silvestre — 20; Cigano — 18; Dama Negra — 16; Dioniso — 14; Elvesto — 13; Fra-diávolo — 12; Guino e H. Gomes — 10; Tarata — 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Libitina. 2 — Inconstante. 3 — Indigo. 4 — Fado. 5 — Meada. 6 — Charada. 7 — Pangaio. 8 — Raposada. 9 — Lucroso. 10 — Falua. 11 — Além-eras. 12 — Nutrido. 13 — Sôbre-salto. 14 — Cartola. 15 — Diáfono. 16 — Verboso-verso. 17 — Medida-meda. 18 — Gaiata-gaita. 19 — Materno-mano. 20 — (Vega-Galho)-Vegalho. 21 — A lei do mais forte é sempre a melhor.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

Agradecimento e retribuição ao ilustre confrade «Adeusinho»

«Matei o coração e a minha lira,
dela só resta o triste soluçar;
tudo isto aconteceu por te adorar...»
(Desporto Mental n.º 8)

ADEUSINHO

1) Amar e ser amado! Ai que ventura,
Se a *bôlsa* bem fornida a completar! — 5-1-2-1-7
O amor sem *ter dinheiro* não perdura, — 1-6-2-7-6
Poeta! Com versos não sustenta o lar...

— «Ser poeta é belo — diz o amor tirano —
Mas raro é não ser pobre, e é *mancha* horrenda.
[— 3-5-1-4-7
Viver da poesia?! E' um *engano*... — 1-5-1-4-7
Não é moeda com que se pague a tenda...»

E eis que uma seta me jogou sem dó!
Vendo que eu versejava — ou de o *julgar*
[— 5-1-4-7-6
Sem ter «eira nem beira ...» e sem *brilhar*,
[— 2-6-2-7-6
Disse-me um dia a escultural Filó,

— Que foi na minha vida uma ilusão —
Com gesto feio da patrícia mão
E um rir de má no sensual biquinho:
— «O jejum e o nudismo? Ai filho! Não!
Ou buscas outro ofício... ou «adeusinho»!...
A tocar *lira* não se ganha o pão.»

Lisboa — *Sileno*

ANTIGAS

Ao presado amigo Hermenegildo Ramos Camacho

2) No mesto desar meu que põe-me hiante
(E só me torna negra a fantasia)
Medito tôda a santa noite e dia
Na *dor* do meu viver agonisante. — 1

Pois êste meu destino a todo o instante,
Visando-me num riso de ironia
Andança me promete como a Lia
Que Labão prometeu ao seu amante;

E como farto estou de tais promessas,
Resignado, só, busco, sem *clamor* — 2
Em virar o mundo um dia às avessas.

Mas Cristo não me faz êste favor...
Nunca, por razão simples ou diversas,
Por ter também *passado* inda pior.

Lisboa — *Fero (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 11

SINCOPADA

3) Em Espanha lavra a guerra
Duma forma indesejável,
Quem vive naquela terra
Tem vida pouco *agradável*.

Em casa onde não há pão...
Tudo ralha e ninguém manda;
O viver na solidão
E' melhor... não há *demanda*, — 3-2

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

MEFISTOFELICA

4) *Oito* dias, sem cessar,
A tal *dria* inda cantei;
No fim de tanto cantar
Em *decadencia* eu entrei. — (2-2) 3

Lisboa — *Rei-Vax*

ENIGMAS

(Aos pequeninos confrades Rina Júnior e Ordisi Júnior, com dois enormes «chis»)

5) Pequenino, vem já cá,
Abraça as tuas priminhas.
Bébé, porém, não fará
Más, travêssas partidinhas...

Bébé quere prometer
De estar mui sossegadinho,
Ou quere sempre viver
Petulante, atrevidinho?

Ó não, minha boa mãi,
— Diz bébé, quási a chorar —
Quero num dia de Além
Possuir um dôce *lar*.

Lisboa — *Adeusinho*

25) ENIGMA FIGURADO

Leiria — *Magnate*

6) Vi no meio da mulher
Um sinal muito grotesco,
Que ela mostra a quem quizer...
Que não tenha *parentesco*.

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

7) No feminino
É sepultura,
Aberta em rocha,
Que sempre dura.

No masculino,
É caridoso
E muitas vezes,
Faz-se pomposo

No aumentativo,
Frade de pedra,
Não jesuita,
Que sempre medra...

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

8) Quem *origina* o *mal* é o Diabo. O bem é de *Deus*. 2-1.

Biscáia — *Olegna (L. A. C. e D. A.)*

9) Realizai qualquer *intento*, com *cuidado*, mesmo que o fim seja deveras *apetitoso*. 2-2.

Lisboa — *Adeusinho (L. A. C.)*

10) Só quando tenho *ensejo importuno* um *homem maçador*. 2-2.

Vila de Rei — *Dóris I*

11) A *intriga encobre intriga*. 1-2.

Lisboa — *Mirna*

12) Não é só *defeito*, é *doença*, dar demasiado á *língua*. 2-2.

Lisboa — *Francisco J. Courelas*

13) *Sem demora*, *prontamente*, aqui tendes um *fato para crianças*. 1-1.

Lisboa — *Agasio*

14) Embora seja *mal feita*, a sua *cabeça*, é, no entanto, *finório*. 1-2.

Lisboa — *Visconde X.*

SINCOPADAS

15) O meu *bordão* pesa tanto como um *antigo peso indiano, correspondente a uns três quilos*. 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

16) Um *desmaio*, muitas vezes, é... uma coisa *hábil*. 3-2.

Lisboa — *M. A. P. M.*

17) O menino leva com a *chinela* se não vai para a *cama*. 3-2.

Lisboa — *Rina (L. A. C.)*

18) Se não estivesses *um tanto embriagado* vias que é *sardinha partida pelas más condições do transporte*. 3-2.

Lisboa — *Visconde da Relva*

19) O *papagaio* não é falto de *inteligencia*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

20) A *sentença* foi pronunciada... e o *homem* condenado. 3-2.

Lisboa — *Mr. Dell*

MEFISTOFÉLICAS

21) Para dar *direcção* a um *maquinismo* é preciso sabê-lo *orientar*. (2-2)-3.

Lisboa — *Jofralo (T. E.)*

22) A *epígrafe* da ode a êste *rio de Portugal*, é impregnada de certa *zombaria*. (2-2)-3.

Lisboa — *Francisco J. Courelas.*

23) *Venera* a Deus de *vontade* e serás *puro*. (2-2)-3.

Lisboa — *Mirna*

24) *Safa!* que em toda a *parte* o amor se apresenta *com asas*... (2-2)-3.

Lisboa — *D. O. X.*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

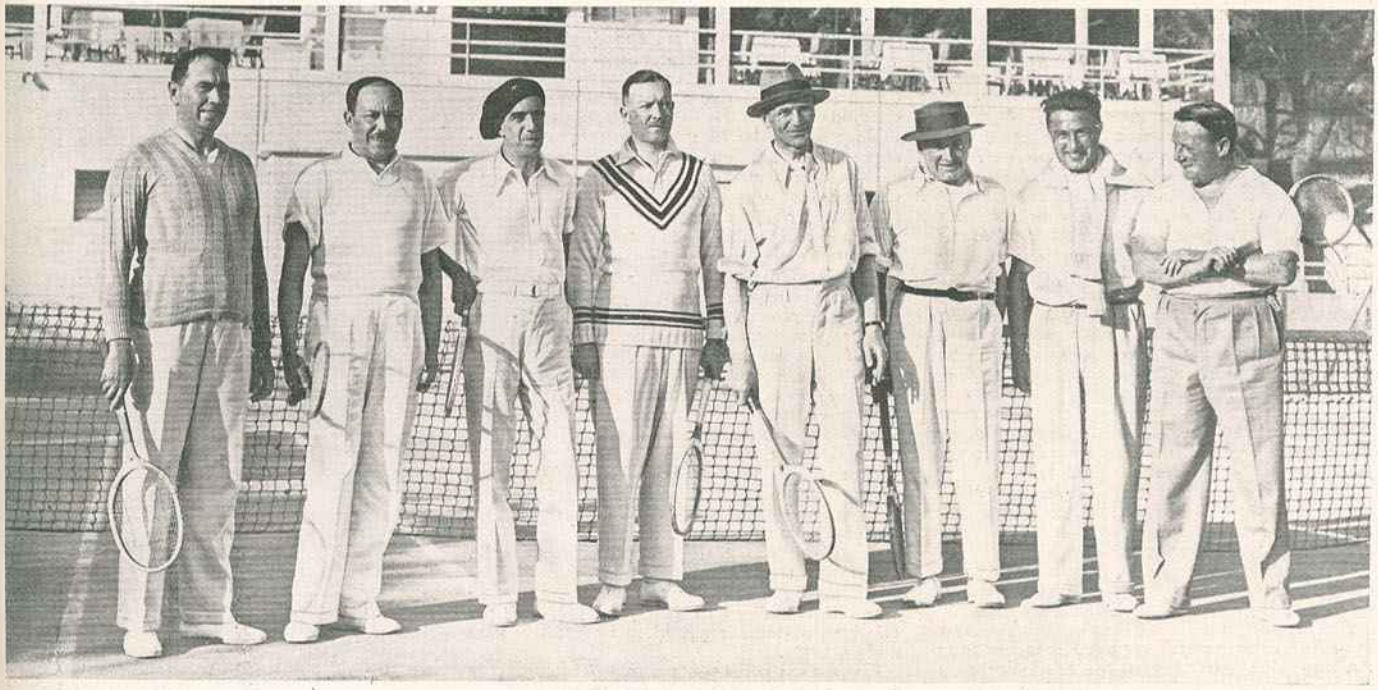
O sr. Presidente da República e o ministro do Interior com a direcção do Asilo-Escola António Feliciano de Castilho, por ocasião das festas comemorativas do 50.º aniversário desta benemérita instituïção.

Armando Ferreira é hoje o único escritor que consegue fazer graça, apesar de não estarem os tempos para graças. O seu novo romance *O amor de Perdigão* é um novo triunfo, podendo garantir-se já que excederá o êxito obtido pelos livros que o precederam. Ler Armando Ferreira é lubrificar a alma de riso

Ramada Curto é isto: advogado, dramaturgo, romancista, poeta, nigromante, músico, e não sabemos que mais. E em tudo é perfeito, como se tem visto. A sua peça *Recompensa* está sendo uma tal recompensa ao seu talento que, já se esgotou em edição

A ilustre professora do Conservatório, D. Adelaide Saguer, acaba de publicar uma obra utilíssima que intitulou *Violoncelo, sua história, literatura e metodologia* e que se torna indispensável a todos os que se dedicam à boa música. Lida esta obra fica-se sabendo tudo àcêrca do violoncelo, ficando apenas ao cuidado do leitor aprender a tocá lo

Caminho Azul é um novo livro de versos de Luiz Sacramento — o inspirado autor do *Cesto de Cravos*. Sente como poeta que é, e anseia atingir «na humildade a maior grandeza», consoante o seu ex-libris denuncia. Para breve, promete-nos um livro de contos *Caminho Rústico* que estarão, por certo, à sua altura



Membros das Missões Militares Inglesa e Portuguesa que disputaram a 1.ª volta de um torneio de *tennis* nos *courts* do Parque-Estoril. A nosso vêr, as guerras deveriam ser decididas assim. Sem carnificinas nem bombardeamentos... Quem ganhasse a partida é que seria o vencedor

A primavera com a sua alegria, com o rejuvenescimento da natureza inteira, as árvores revestidas de novo, floridas e perfumadas, os jardins com os seus canteiros esmaltados das mais vivas e harmoniosas côres, os passarinhos chilreando com barulhenta alegria, as mulheres vestindo de claro com os chapéus floridos pela moda, faz-nos esquecer as preocupações e os cuidados duma época de vida infinita e de esmagadora actividade.

Ao atravessar um formoso jardim na cidade, esquecemos o movimento atordoador que nos ruge em volta ao ver-nos no campo com os seus prados côr de esmeralda, com os seus frondosos arvoredos sentimo-nos viver a vida pastoril da Arcádia, transportados à vida simples e fácil de outros tempos.

A primavera da vida surge a nossos olhos como um encanto, a que o ser o passado imprime maior brilho, a primavera duma vida de mulher é sempre uma esperança rósea, mas para que mais tarde o outono dessa mulher não seja um cemitério coberto de fanados crisântemos, é necessário que seja capaz de sentir e de viver com alegria, com mocidade, com fantasia equilibrada a primavera da sua vida. A juventude, a primeira juventude, aquela que se segue à infância tem uma influência enorme, infinita na vida inteira.

Uma mocidade feliz descuidada, alegre, é como que um amparo para tôda a existência, as desilusões vem, quem é que as não tem? Os desgostos afligem-nos? Sem dúvida, há lá vida alguma que as não tenha? Mas que importa? Olha-se para trás e num clarão de alvorada surge, simples alegre e descuidada a mocidade cintilante com os seus anceios, que a realidade às vezes numas coisas ultrapassa, com as suas ilusões, na maioria desfeitas.

Desfeitas, talvez, mas vividas; não é aquilo que fantasiamos a nossa vida mais intensa. Embora não pareça aos olhos estas que nos conhecem; quantas vidas não vivemos na fantasia da nossa imaginação.

Eu gosto de ver uma rapariga alegre com um ideal de existência, uma confiança na vida, uma segurança que o seu espiritualismo torna fecunda em belos gestos, em felicidade.

Saber ser nova, sentir a primavera da vida, como se sente a primavera do ano é uma das mais belas e enternecedoras coisas.

E sinto tristeza perante uma mocidade desiludida, que não sente a vida, aquem o turbilhão da vida moderna tira as ilusões a quem o egoísmo feriu com uma punhalada no peito.

Essa rapariga que tomou como modêlo uma estrêla de cinema e que aos vinte anos não sabe rir, não sabe sentir inocentemente a alegria de viver, é uma anomalia da natureza, é um produto duma época em que tudo é falsificado, complicado, arrazado. As distracções simples, alegres, tão próprias da mocidade não tem para essas pobres almas, que o vento da civilização resequiu, o mais pequeno encanto.

Um passeio ao campo, um alegre pique-nique entre raparigas e a família uma festa familiar, não interessam essa alma que se julga complicada, necessita de complicações sentimentais como as que a encantaram no último filme que via e que envenenaram a sua sensibilidade impressionável. Só o turbilhão da cidade, os casinos, os divertimentos em que a sua juventude se embacia, a tornam feliz, se é que se chama feliz a uma rapariga, que se aborrece com tudo o que a devia divertir, e, se sente atraída por tudo o que devia aborrecer.

A alegria de viver, os sonhos dum futuro normal compartilhado com alguém que vagamente se sonha e onde se vê brilhar um berço, que coisas tão terra a terra, tão bota de elástico.

O aborrecer tudo que não seja uma vida complicada, sonhar qualquer coisa que não seja o brilhar, arrastando uma côrte de adoradores, ver um futuro em que não haja a sombra dos empecilhos, que são os filhos, isso sim é que é o verdadeiro modernismo dama rapariga que se julga elegante.

E esta falsa interpretação da vida, esta triste maneira de ser nova, faz-me ver um triste futuro para a sociedade e para a vida humana, se não fôr modificada a educação das raparigas. Se não houver a coragem de modificar a vida actual lutando com energia contra esta onda que tudo arrasta e que como nas cheias que os rios transbortando provocam; a pouco e pouco se irá infiltrando na sociedade para se tornar em caudalosa torrente, que tudo tenta submergir. É doloroso, mas é assim, a primavera da vida tem de voltar a ser simples, tem de reflorir de novo em perfumadas flores, como a primavera do ano, que nos faz sentir a alegria do renascimento.

A rapariga tem de voltar a ser feliz na simplicidade de ser alegre, de rir porque está sol, de sentir na sua vida estuante, que é uma fôrça da natureza, de sonhar de novo com uma vida simples e natural.

E preciso fazer de novo voltar à rapariga de hoje, que será a mulher de amanhã, a alegria de viver, fazer renascer na sua alma a primavera da vida, como uma chilreada de pássaros nos arvoredos em flor. Que a rapariga seja sinceramente, ingenuamente nova, para que a sua vida seja sempre iluminada pela sua florida juventude.

MARIA DE EÇA.

A moda

DESENHA-SE elegantíssima a moda de verão, e, a de primavera mantem-nos no equilíbrio de linhas, que valorisa a silhueta feminina e de que é para desejar se não afastem os ditadores da moda. Os vestidos de primavera valorisam a mulher dando-lhe êsse aspecto elegante e conservando-lhe a harmonia das formas.

Para que a moda perdure é necessário que ela embeleze e não deforme e é por isso, que é para desejar que a moda de hoje se conserve, tornando mais bela e mais esbelta a mulher, que se cinge ás suas ordens soberanas.

Efectivamente a cintura no seu lugar, os vestidos modelando as formas, as mangas alargando muito ligeiramente os hombros só podem contribuir para tornar mais elegante a mulher fazendo sobresaír os seus naturais encantos.

Na linha natural e sóbria está sem dúvida o segredo do encanto da moda actual á qual é natural que a mulher aceite com a melhor vontade, vendo que ela contribue para a embelezar e tornar mais elegante.

Apresentamos ás nossas leitoras alguns modêlos, que confirmam as nossas palavras.

Tailleur elegantíssimo em fazenda diagonal cinzenta escura e branca.

A sáia tem duas tiras pespontadas á frente, que formam espinha e umas pequenas prêgas aos lados que dão um pouco de roda. O casaco ajusta ligeiramente na cintura e tem a forma elástica do «tailleur». A blusa branca tem uma linda gravata.

Chapeu em palha preta com a aba guarnecida a fita de «gros-grain» raposa e luvas pretas.

Casaco para menina em pano vermelho, botões em metal côr de oiro, pala de veludo preto e forro em setim preto. Chapeu em seda pespontada também preto, assim como as luvas e sapatos.

Esta graciosa «toilette» creação de Maggy Rauff, chama se «Horse Guard» porque tem a côr do uniforme do regimento dos «Horse Guards».

É muito gracioso mas exige uma silhueta muito delgada e elegante.

Como de vez em quando ha dias quentes é necessário pensar nas «toilettes» frescas das meninas. Temos dois modêlos cada qual mais gracioso. Um deles em «crêpe» da China «imprimé» tem um lindo desenho em côres que lembra os tecidos orientais de Cachemire, êste padrão que está muito na moda em vestidos e lenços de pescoço, tem beleza e côr.

O vestido tem um côrte muito simples e fecha na frente com dois botões do mesmo tecido, as mangas curtas são ligeiramente tufadas.

O outro em «toile» de seda fundo azul «roi» com pintinhas brancas tem a frescura da primavera, o corpo muito simples tem duas prêgas fundas de cada lado cosidas do hombro até ao peito, a gola é apenas um virado do mesmo, o cinto também do mesmo acaba com uma bainha branca, a sáia muito simples tem como única guarnição duas algibeiras com bainhas brancas.

Os botões em loiça branca têm originalidade e dão muita graça ao vestido que é da maior simplicidade.

O chapeu, preocupação máxima da mulher e da maior originalidade esta estação, os chapeus têm saído muito da banalidade e uniformidade em que a moda habitualmente os encerra.

E para o provar apresentamos dois modêlos diferentíssimos. Um deles um chapeu de alta aba na frente em seda preta baça, a «calote» baixa acompanha a cabeça até ao «chignon» que enfeita a nuca. Como guarnição uma grande flor branca em seda e duas fôlhas na mesma seda de que é feito o chapeu.

O outro em palha azul escura é uma graciosa «cloche» guarnecida com uma «torçade» e uma farta laçada de fita em dois tons de azul. Este chapeu lembra retratos antigos em que se vêem estas fartas guarnições em fita, mas é gracioso e jovem.

O chapeu tem uma influência soberana na elegância da mulher e marca muito no vestir duma senhora de bom gôsto.

PÁGINAS FEMININAS

A influência feminina na política

EM todas as épocas se notou a influência feminina na política. É de sempre esta influência, que em tempos idos manobrava na sombra. Rainhas e favoritas mantiveram sempre os seus dedicados em lugares elevados e sempre as suas simpatias tinham repercussão na vida exterior dos países.

Actualmente com a estrada livre de obstáculos que a mulher vê na sua frente, mais e mais se acentua a sua influência. Na Inglaterra nota-se mais do que nunca a influência feminina aliás dando os mais benéficos resultados.

Lady Astor a conhecida política que tem marcado nas câmaras inglesas pelos seus discursos duma clareza e duma ironia por vezes mordaz; tem tido uma influência incontestável nos acontecimentos dos últimos tempos.

Lady Austin Chamberlain a grande amiga de Itália e senhora de grande inteligência tem contribuido extraordinariamente com as suas relações pessoais para a aproximação da Itália e da Inglaterra que só pode trazer a paz e o sossêgo da Europa. É sendo assim só temos a felicitar-nos que seja grande a influência feminina na política.

A decoração da casa

UMA das coisas mais necessárias na educação da mulher é a cultura da Arte no seu espírito. Fazer-lhe sentir o belo, incutir-lhe o gôsto pela harmonia das côres, o sentido das coisas, para que ela possa dar á sua casa a decoração perfeita, em harmonia com os seus meios de vida e com o ambiente que a rodeia.

Numa casa antiga deve a mulher escolher móveis antigos, pesados, que a guarneçam e a mobilem dando ao ambiente uma harmonia que se case com a construção do edifício, mas quem vive em prédios ultra-modernos, de construção recentíssima, deve evitar o aspecto antigo na sua casa, aspecto que briga com o edifício, com as paredes, com o ambiente e que chega a dar um mal estar estranho a quem na casa entra.

E' natural que não queira desfazer-se dos seus móveis, quem para uma dessas casas se muda, mas pode dar á casa um aspecto moderno não mantendo um rigor de estilo, que não tem cabimento num predio modernista.

E deve incutir se na mulher do povo o gôsto pela decoração da casa que se pode fazer usando loiças populares, esteiras e no norte com êsses tecidos, que no tear caseiro a própria mulher pode fazer. Assim o fazem as classes populares da Romenia, como no-lo descreve Irene de Vasconcelos. Na mais humilde cabana da Roménia se encontram os tapetes nacionais. As loiças graciosas e simples e a mulher tem o culto do seu próprio lar.

É isto conseguiu-se pela influência da senhora da alta sociedade, da mulher de ciência, da literata, que pela sua união conseguiram incutir na mulher do povo o amor á casa, promovendo ao mesmo tempo, o desenvolvimento nas industrias nacionais e populares, com que o país só tem a ganhar.

Que linda obra se não poderia fazer entre nós, ensinando a mulher a ter o asseio e a ordem em casa, a aproveitar os seus humildes trastes, alegrando a casa com as nossas coloridas loiças e aproveitando tudo o que pode tornar gracioso o mais humilde lar, dado que nele haja asseio e ordem.

E' um campo aberto á actividade da mulher portuguesa, que deve seguir o exemplo da mulher romena.

Higiene e beleza

QUANTAS senhoras se não queixam de que novas ainda a sua boca se deforma e os seus lábios perdem a frescura, apresentando um detestável aspecto de bocas de velha, secas e murchas.

Em geral as senhoras a quem isso acontece têm o mau hábito, de que não dão conta, de fazer boquinhas, franzindo sem necessidade os lábios e cansando os musculos.

Por vaidade mal compreendida deformam muitas vezes uma linda boca, que sem êsse desejo de a fazer notar se conservaria por muitos anos bela.

Não se devem fazer êsses tregeitos que alem de ridículos são nocivos á beleza dos lábios.

Uma das coisas recomendáveis é aplicar nos lábios manteiga de cacau para manter os lábios sem cieiro e conservar a elasticidade e a sua forma á boca.

E' preciso o maior cuidado na escolha da marca do «baton» com que se aviva a côr dos lábios, alguns contêm ácidos que prejudicam.

E' conveniente ao avivar a côr, manter a forma da boca e não fazer recortes à fantasia, que são de mau gosto, e, deve haver tambem cuidado na escolha da côr que se deve aproximar da natural.

De mulher para mulher

Belita: Deve consultar um médico especialista só êle lhe poderá dar a indicação do que deve fazer, é muito grave provocar o emagrecimento sem saber como se deve fazer, pois muitas vezes se descobrem doenças que até ali não se tinham manifestado. Entendo que deve evitar essas relações. Seus pais não lhe proibiriam dar-se com essas pessoas, sem um forte motivo.

Violeta: Vai-lhe bem a modêstia, mas não a exagere. Se tem essa vocação aproveite-a mas estude a fundo; a pintura é uma arte ao alcance da mulher mas deve estudar muito, para pintar «abat-jours» e almofadas não vale a pena. E' um desporto esplendido o «tennis» e só lhe deve fazer bem usando o com conta, peso e medida como tudo neste mundo.

Alda: Ficam muito graciosos os três pequenitos assim vestidos. Experimente a persuação carinhosa, há crianças que não se educam com castigos e com violencias e antes precisam de ternura e afecto. Acho cedo para começarem a aprender linguas. E' talvez preferível que aprendam primeiro a falar português.

Receitas de cozinha

Bolos de milho: — 500 gramas de farinha de milho, 500 gramas de açúcar 6 gemas de ovos, 3 claras. Misturam-se 250 gramas de manteiga derretida e os diferentes elementos; bate-se muito bem a mistura, tendem-se com a massa bolas redondas de três a quatro centímetros de diâmetro, dispõem-se sôbre tabuleiros de ferro polvilhados com farinha de milho, e levam-se ao forno a cozer. Os bolos pelo aquecimento achatam-se ao amolecer e tornam a forma de calotes esféricas.

Bridge

(Problema)

Espadas — R.
Copas — R. 3, 2
Ouros — V.
Paus — A. D. V.

Espadas — 8, 7	**N**	Espadas — 5, 3
Copas — — —	**O** **E**	Copas — D. 10
Ouros — 7, 5		Ouros — R. 10, 9, 4
Paus — R. 10, 8, 5	**S**	Paus — — —

Espadas — D. 6
Copas — A.
Ouros — A. D. 8, 6, 2
Paus — — — —

Trunfo espadas. **S** joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 2 *c.*, **N** — 2 *c.*
N » R. *c.* Se **E** e **O** jogam cartas pequenas, **N** joga R. *o.* e 10 *o.*, **S** balda-se a 9 *p.*
N » 2 *p.*, **S** — D. *p.*
S » 9 *c.*, **E** — D. *c.* e **S** cumpre.

Se quando **N** joga R. *c.*, **E** deita a D. *c.*, **N** — 3 *o.*, **S** — D. *o.* e 9 *c.*, **O** — 10 *c.* e qualquer carta que jogue **S** cumpre.

Se quando **N** joga R. *c.*, **E** conserva a D *c.*, **N** joga R. *o.* e 10 *o.* baldando-se **S** a 9 *p.*
N joga 2 *p.*, **S** joga D. *p.* e 9 *c.* cumpre.

Os pontos do dado

(Solução)

É o 2 que fica por baixo porque nos dados os pontos que ficam nas costas uns dos outros, são sempre os que somam 7. Assim, o 3 corresponde ao 4, o 1 ao 6 e o 2 ao 5.

Máquina de medir o amor

Parece cousa fantástica que uma máquina possa medir a emoção do amor, mas o dr. Robert H. Thouless, que foi lente de psicologia na Universidade de Glasgow, assim quer fazer acreditar que seja possível.

E não só o amor, como também outras emoções se podem registar da mesma maneira.

Fazem-se experiências, passando uma corrente através do corpo humano, voltando de novo à máquina, e uma agulha indica, num mostrador, a grandeza da emoção.

Consta que numa dessas experiências feita a um homem apaixonado, a agulha quasi saltou fóra do mostrador, ao ser mencionado o nome da mulher amada!

Ceromância

Esta palavra em latim *ceromentia*, vem de duas palavras grêgas, *keros*, cêra e *manteia*, advinhação. Era uma espécie de advinhação, que se fazia por meio de cêra, e que segundo Debrio, os turcos empregavam muito.

Consistia em derreter cêra e vertê-la, pingo a pingo, num vaso com água; e, conforme as figuras que esses pingos formavam, ao solidificarem-se, assim delas se tiravam preságios felizes ou sinistros.

O mesmo autor compreende o nome de *ceromância*, uma superstição que, no seu tempo, tinha voga na Alsácia.

«Quando alguem adoece, diz êle, e as mulheres crédulas pretendem descobrir que santo foi que lhe mandou a doença, pegam em tantas velas de cêra, tôdas do mesmo pêso, quantos são os santos de que suspeitam, e acendem uma em honra de cada um. Aquêle cuja vela se consome primeiramente fica tido, para o espírito delas, como o autor do mal.»

O fio quebrado

(Solução)

Telhados de vidro

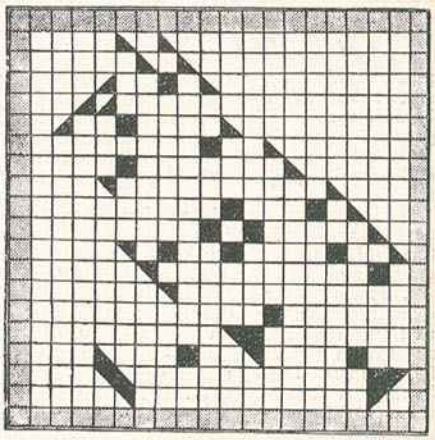
É repetidissimo, por vir muitas vêses a propósito, o velho rifão de que: «quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho.» A origem do prolóquio é desconhecida. Em Inglaterra, porém, supõem-lhe a seguinte proveniência:

No reinado de Jaime I, os aventureiros escocêses, que vieram com o monarca, foram altamente incomodados por gente que lhes quebrava, à pedrada as vidraças das casas; e entre os instigadores da populaça andava Buckinyham, o favorito da côrte que morava num grande prédio, situado nos Campos de S. Martinho, prédio que pelo grande número de janelas que tinha, era vulgarmente chamado a *Casa de Vidro*. Mas os escocêses, em retaliação, partiram as vidraças tôdas da casa de Buckinyham. O cortesão queixou-se ao monárca, a quem os escocêses já anteriormente se haviam queixado também; e Jaime I respondeu-lhe: «Os que vivem em casas de vidro, Steenie, precisam ter cuidado para onde atiram pedras».

Dizem que daí derivou o ditado.

Que bicho será?

(Passatempo)



Escurecendo aqui um certo número de quadrados, obter-se-á a silhueta dum animal doméstico, dos mais vulgares e conhecidos.

Conta-nos Thackeray o caso que lhe sucedeu com uma velha irlandêsa, que lhe pediu esmola, a qual, quando o viu meter a mão na algibeira, exclamou: «Que as bençãos de Deus o acompanhem todos os dias da sua vida»; mas quando o viu tirar apenas a caixa do rapé, imediatamente acrescentou: «e nunca lhe caiam em cima.»

O lago Batticalva, na ilha de Ceilão, gosa do quási exclusivo privilégio de albergar, nas suas águas, peixes músicos. Os sons emitidos por êstes animais são tão doces e melodiosos como os que produziria uma série de harpas eólicas. Cruzando o lago num bote, podem ouvir-se distintamente êstes agradáveis sons, que se tornam mais ruídosos e fortes se se deixa caír um remo na água.

A Torre Eiffel tem quatro plataformas, às quais se sobe por meio de escadas, ou ascensores, estando a primeira a 57 metros de altura, e as outras, respectivamente, a 115, a 276 e a 300. O pêso total da Torre é de 9 milhões de quilogramas.

— O pai não se importa, pois não? Tenho estado a praticar diversos penteados nos seus crisântemos.

(Do *The Humorist*.

POR TODO O ANO
SOL!

O que 2-3 horas de Sol na alta montanha conseguem, os raios fortes ultravioletas do **"SOL DE ALTITUDE"** — Original Hanau — realizam dentro de aproximadamente 5 minutos. Tire V. Ex.ª a conclusão deste facto e aproveite estes curtos «banhos de sol» tão proveitosos para a saúde, na sua própria casa. Uma vez experimentada, nunca mais mais V. Ex.ª deixará de usar esta «fonte solar»

Peça ainda hoje o catálogo ilustrado n.º 843, preços e demonstração gratuita

SIEMENS REINIGER
S. A. R. L.
Rua Santa Marta, 153 — LISBOA

Instituto Pasteur
Rua Nova do Almada, 71
LISBOA

Aparelhos completos desde Esc... 1.176$00

„Sol de Altitude" - *Original Hanau* -

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

CREDIÁRIO CULTURAL

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes. Banhos CARBO-GAZOSOS. Duches. Irrigações. Pulverizações e Inalações. etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado... 10$00
Pelo correio à cobrança ..... 11$50
Edição especial numerada, assinada pelo autor ... Esc. 25$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75 - LISBOA

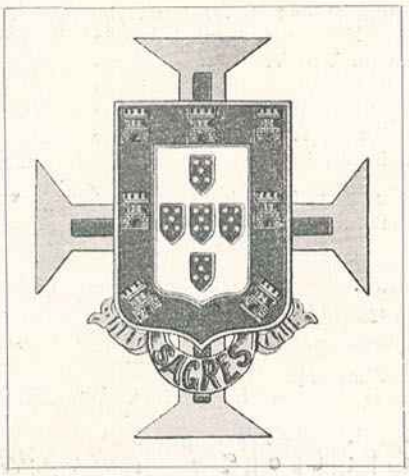
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937
Esc. 19.983.462$61

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937
Esc. 14.645.207$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

PEDIDOS AOS EDITORES:
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. **12$00**
Pelo correio à cobrança . . Esc. **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

Êste mundo e o outro

O outro mundo — Arca de Noé — Este mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 páginas, brochado . . . . . **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

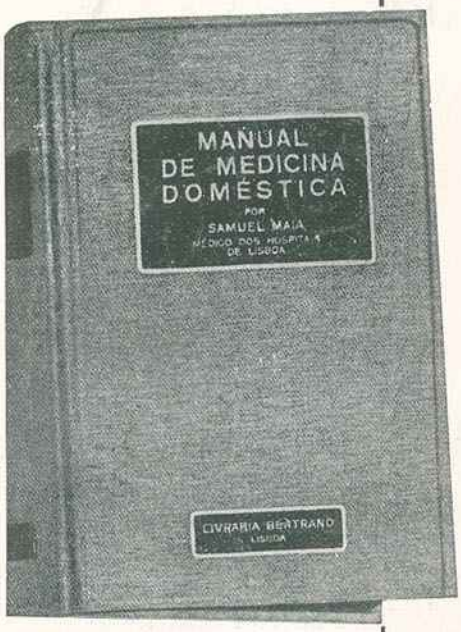
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Ponha de parte êste processo incómodo e perigoso

A velha panela cheia de água a ferver, ao ser transportada para a casa de banho, pode cair-lhe das mãos V. Ex.ª pode escorregar .. não falando já no tempo necessário para ferver a água precisa.

O Esquentador Vacuum N.º 1, modêlo «D» — o mais económico de todos — prepara-lhe um banho com 100 litros a 40° em 17 minutos, só com 1 ½ decilitro de petróleo.

Nada justifica usar hoje velhos processos.

ESQUENTADORES VACUUM N.º 1

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

1638